



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CENTRO REGIONAL DE VISEU

Departamento de Arquitetura, Ciências e Tecnologia

*VISEU CIDADE INCLUSIVA*

*ARQUITETURA INTERGERACIONAL: HABITAÇÃO E ESPAÇO PÚBLICO*

Projeto Final apresentado à Universidade Católica Portuguesa para a  
obtenção do grau de mestre em Arquitetura

Por

Miguel Saraiva Rebelo Boal Paixão

Outubro de 2017







UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CENTRO REGIONAL DAS BEIRAS

Departamento de Arquitetura, Ciências e Tecnologia

*Viseu Cidade Inclusiva*

*Arquitetura Intergeracional: Habitação e Espaço Público*

Projeto Final apresentado à Universidade Católica Portuguesa  
para a obtenção do grau de mestre em Arquitetura

Orientador: Prof. Doutor António da Silva Ferreira de Carvalho  
Co-orientador: Prof. Doutor Gonçalo de Sousa Byrne

Por

Miguel Saraiva Rebelo Boal Paixão

Outubro de 2017







## AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores Arquiteto António Carvalho e Arquiteto Gonçalo Byrne, pela acompanhamento no decorrer deste trabalho como nos conselhos, ensinamentos e sabedoria que me transmitiram e avaliar a arquitectura por outros prismas nunca antes explorados.

Aos meus professores que me marcaram durante o curso, especialmente ao Arqº André Oliveira, Professor Daniel Gamelas, Arqª Marta Aguiar, Arqº Miguel Figueira, Arqº Pedro Vieira e Arqº João Mendes Ribeiro por me terem ajudado a dar um salto e realmente emergir no belíssimo mundo que é a arquitetura, bem como a motivação e bom ambiente que proporcionavam nas suas aulas.

Aos meus colegas e amigos Bernardo, César, Édi, Joel, Jonathan, Jorge, Pedro e Vitor que sempre me acompanharam e foram parte fundamental nesta etapa da minha vida. Aos meus colegas de turma pelos bons e maus momentos, que me ajudaram a crescer enquanto pessoa.

Aos meus amigos de sempre, malta de 92, por acreditarem sempre em mim e no meu valor. E à Sara pelo apoio e paciência nos meus momentos mais complicados!

A todas as bandas que ouço por me ter ajudado a ganhar força para ultrapassar todos os momentos mais problemáticos e ser uma companhia indispensável nas noites de trabalho.

À minha família pelos sacrifícios, pela confiança e apoio incondicional, a quem devo tudo aquilo que sou.

*Ao meu pai, a minha referência!*

*À minha mãe, o meu conforto!*

*Ao meu irmão, o meu orgulho!*



## RESUMO

A constituição e composição de partes de uma cidade resulta de processos de criação e estudos diversificados que abarcam diversos temas de análise e interpretação da morfologia urbana, não podendo a arquitetura ficar resumida apenas à ideia base de um projeto.

O processo conceptual que conduzirá à implantação do conjunto habitacional multigeracional, e concepção de áreas envolventes tem que ser gerido pela relação da arquitetura com o lugar, na precisão de análise do locus, que constitui um facto urbano singular, pela dimensão topográfica e pela sua forma. O interesse do programa da arquitetura multigeracional não reside na arquitetura, do ponto de vista social, solitária, mas nas comunidades urbanas com todos os elementos necessários para uma sociedade em funcionamento: residências, comércio, zonas de lazer e outros programas dinâmicos.

O sector a estudar a pormenor, encontra-se Localizado no lugar onde se realiza a feira semanal de Viseu, a área de intervenção corresponde a um vazio urbano que marca a transição entre a cidade e a periferia/aglomerados rurais. Apresenta uma perspectiva privilegiada para o centro histórico e insere-se num lote que apresenta uma topografia relativamente neutra, com limites bem demarcados e com bastante proximidade a um dos espaços verdes mais privilegiados da cidade, a Cava de Viriato.

Por forma a evitar-se a mono-funcionalidade do zonamento, o conjunto foi concebido como um esquema de uso misto que se pretende auto-sustentável, incorporando as três esferas da vida urbana - habitações, comércio e lazer – permitindo, assim, o seu uso contínuo ao longo do dia. Os volumes formalizam entre si um ângulo que intensifica o enquadramento cénico do espaço, que tem como pano de fundo o património da cidade (centro histórico e Cava de Viriato), formando entre si espaço verde comum de uso privado ao condomínio, uma praça ladeada por comércio e um pavilhão multifuncional e desportivo associado à escola existente.

Palavras-chave: Habitação, Espaço Público, Intergeracional, *Locus*, Viseu





## ABSTRACT

The constitution and the composition of parts of a city are the result of creative processes and diversified studies which cover different topics of the analyses and interpretation of the urban morphology, and architecture cannot be reduced to the basic idea of a project.

The conceptual process that will lead to the implantation of the multigenerational housing complex and the design of the surrounding areas has to be managed by the relation of architecture with the place, in the precision of analysis of the locus, which constitutes a singular urban fact, by the topographic dimension and by its form. The interest of the multigenerational architecture program lies not in architecture, from a social point of view, but in urban communities with all the elements necessary for a functioning society: residences, commerce, leisure zones and other dynamic programs.

The sector to be studied in detail is located in the place where the weekly fair of Viseu is held and the area of intervention corresponds to an urban void that marks the transition between the city and the periphery / rural agglomerates. It presents a privileged perspective towards the historical center and it is inserted in a plot that presents a relatively neutral topography, with well-demarcated boundaries and with enough proximity to one of the most privileged green spaces of the city, the Cava de Viriato.

In order to avoid the mono-functionality of the zoning, the set was conceived as a mixed use scheme that is intended to be self-sustaining, incorporating the three spheres of urban life - housing, commerce and leisure - thus allowing its continuous use throughout the day. The volumes formalize an angle that intensifies the scenic setting of the space, which has as its backdrop the city's heritage (historic center and Cava de Viriato), and forming a common green space of private use to the condominium, a square flanked by trade and a sports and multifunctional pavilion associated with the existing school.

Keywords: Housing, Public-Space, Intergeracional, *Locus*, Viseu



# RÉSUMÉ

La constitution et la composition des parties d'une ville sont le résultat de divers processus de création et d'études qui couvrent plusieurs thèmes d'analyse et d'interprétation de la morphologie urbaine, et l'architecture ne peut se résumer à l'idée de base d'un projet.

Le processus conceptuel qui conduira à l'implantation du complexe de logements multigénérationaux et la conception des zones environnantes doit être gérée par la relation de l'architecture avec le lieu, dans la précision d'analyse du lieu, qui constitue un fait urbain singulier, par la dimension topographique et par sa forme . L'intérêt du programme d'architecture multigénérationnelle ne réside pas dans l'architecture, du point de vue social, mais dans les communautés urbaines avec tous les éléments nécessaires au fonctionnement d'une société: résidences, commerces, zones de loisirs et autres programmes dynamiques.

Le secteur à étudier en détail est situé à l'endroit où se tient la foire hebdomadaire de Viseu, la zone d'intervention correspond à un vide urbain qui marque la transition entre la ville et la périphérie / les agglomérations. Il présente une perspective privilégiée pour le centre historique et il est inséré dans un lot qui présente une topographie relativement neutre, avec des limites bien délimitées et assez proche de l'un des espaces verts les plus privilégiés de la ville, la Cava de Viriato.

Afin d'éviter la monofonctionnalité du local, l'ensemble a été conçu comme un système de utilisation mixte destiné à être autonome, intégrant les trois sphères de la vie urbaine - le logement, le commerce et les loisirs - permettant ainsi à utilisation continue tout au long de la journée. Les volumes formalisent un angle qui intensifie le cadre scénique de l'espace, qui a pour toile de fond le patrimoine de la ville (centre historique et Cava de Viriato), formant un espace vert commun d'usage privé à la copropriété, un carré flanqué par commerce et un pavillon sportif et multifonctionnel associé à l'école existante.

Mots-Clés: Logement, Espace public, Intergénérationnelles, *Locus*, Viseu



# ÍNDICE

ÍNDICE DE FIGURAS	1-2
INTRODUÇÃO	3
CAP. I CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A HABITAÇÃO	5-10
A necessidade de habitação	7
Crise habitacional	8
CIAM	9, 10
CAP. II ESPAÇO PÚBLICO E INTERAÇÃO SOCIAL	11-22
Espaço colectivo e identidade	13, 14
Território e interação social no espaço coletivo	15
A apropriação no espaço	16
A interação social	17, 18
O papel do território na integração social	19
A procura de novos espaços coletivos	20-22
CAP. III CASOS   ENQUADRAMENTO   ANÁLISE URBANA	23-42
Casos de estudo	25-29
Localização e enquadramento	30-33
Análise urbana	34
Área de intervenção	35, 36
Análise da área de intervenção	37-41
CAP. IV PROJETO	43-69
Da ideia à concepção	45-47
Contexto urbano e área de intervenção	48, 49
Evolução processual da proposta	50, 51
Descrição do projeto	52, 53
Configuração formal • Pisos • Programa	54-64
Volumetria • Configuração construtiva	65, 66
Imagens da proposta	67-69
CONCLUSÃO   BIBLIOGRAFIA   ANEXOS	71-84



# ÍNDICE DE FIGURAS

## CAP. I CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A HABITAÇÃO

---

Imagem 1   Unidades habitacionais sociais <i>(fonte própria)</i>	10
--	----

## CAP. II ESPAÇO PÚBLICO E INTERAÇÃO SOCIAL

---

Imagem 2   Diagrama conceptual espaço público <i>(fonte própria)</i>	15
Imagem 3   Diagrama de interação dos espaços públicos <i>(GEHL, Jan. Life Between Buildings)</i>	18
Imagem 4   Piazza del Campo, Siena, Itália <i>(<a href="http://www.tuscany.co/wp-content/uploads/piazza-del-campo-siena-61-860x573.jpg">http://www.tuscany.co/wp-content/uploads/piazza-del-campo-siena-61-860x573.jpg</a>)</i>	21

## CAP. III CASOS | ENQUADRAMENTO | ANÁLISE URBANA

---

Imagem 1   Fotografias do Edifício <i>(<a href="http://www.archdaily.com.br/br/602652/habitacao-social-salgueiros-slash-ava-architects">http://www.archdaily.com.br/br/602652/habitacao-social-salgueiros-slash-ava-architects</a>)</i>	26
Imagem 2   Alameda Arbórea do Four Freedoms Park <i>(<a href="http://www.stevendubnerlandscaping.com/photos/four_freedoms_park/four_freedoms_park-01.jpg">http://www.stevendubnerlandscaping.com/photos/four_freedoms_park/four_freedoms_park-01.jpg</a>)</i>	28
Imagem 3   Perspetiva cénica do Four Freedoms Park <i>(<a href="http://www.jamesewingphotography.com/data/photos/966_1ffp_louis_kahn_james_ewing_2012_4861.jpg">http://www.jamesewingphotography.com/data/photos/966_1ffp_louis_kahn_james_ewing_2012_4861.jpg</a>)</i>	29
Imagem 4   Eixo Visual do Four Freedoms Park <i>(<a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4d/Four_Freedoms_Park_-_west.jpg">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4d/Four_Freedoms_Park_-_west.jpg</a>)</i>	29
Imagem 5   Timeline evolução cidade de Viseu <i>(fonte própria)</i>	31
Imagem 6   Timeline evolução cidade de Viseu <i>(fonte própria)</i>	33
Imagem 7   Principais estruturas viárias cidade de Viseu <i>(fonte própria)</i>	34
Imagem 8   Vista Aerial <i>(fonte própria)</i>	36
Imagem 9   Planta de Análise <i>(fonte própria)</i>	37
Imagem 10   Planta de Análise <i>(fonte própria)</i>	38
Imagem 11   Planta de Análise <i>(fonte própria)</i>	39
Imagem 12   Quadro Swot <i>(fonte própria)</i>	40
Imagem 13   Planta Análise <i>(fonte própria)</i>	41

## CAP. IV PROJETO

---

Imagem 1   Render Conceptual <i>(fonte própria)</i>	47
Imagem 2   Vista Aerial Proposta <i>(fonte própria)</i>	49
Imagem 3   Esquiços dos dois setores da proposta <i>(fonte própria)</i>	50
Planta Geral <i>(fonte própria)</i>	51
Esquiços do projeto <i>(fonte própria)</i>	53
Planta P0, P-1 <i>(fonte própria)</i>	55
Corte Transversal do Pavilhão <i>(fonte própria)</i>	56
Planta P0 pavilhão <i>(fonte própria)</i>	57
Alçado Zona Anfiteatro <i>(fonte própria)</i>	57
Alçado Longitudinal Frente Urbana <i>(fonte própria)</i>	58
Planta P1 Habitações <i>(fonte própria)</i>	59
Planta modulo estudantes <i>(fonte própria)</i>	61
Planta P2 Habitações <i>(fonte própria)</i>	62
Corte módulo estudantes <i>(fonte própria)</i>	63
Corte transversal módulos habitacionais <i>(fonte própria)</i>	63
Planta P3 <i>(fonte própria, 2017)</i>	64
Pormenor módulo estudantes <i>(fonte própria)</i>	66
Alçado-tipo habitações multigeracionais <i>(fonte própria)</i>	66
Imagens da proposta <i>(fonte própria)</i>	67-69



## INTRODUÇÃO

A disciplina final do mestrado integrado, Projeto Integrado Urbano, tem como objecto de estudo, na cidade de Viseu, dois sectores de terrenos que se localizam a norte da cidade delimitados pela Rua do Arrabalde (N2), Avenida dos Capitães e divididos também pela Rua do Arco.

A primeira fase de estudo teve como base o desenvolvimento de um programa base, implantação e intenções gerais do projeto para os dois sectores, tendo em conta que estas áreas embora fragmentadas, devem constituir-se como uma só, garantindo a continuidade da imagem da cidade , promovendo novos programas, novas dinâmicas e complementaridade na cidade.

Como tal, analisando de uma forma sucinta, no Setor Sul desenvolveu-se uma malha longitudinal no terreno por forma a tirar partido das curvas de nível, definindo-se uma frente paralela à Rua do Arrabalde e à Rua do Arco, alinhamentos e aberturas com o Solar existente e com o setor sul, lugar da feira, também zona de intervenção.

Ao Setor Norte, constituído pelo local onde se realiza a actual feira de Viseu, pretende-se substituir a sua função por uma outra destinada a contexto habitacional e espaço público, por forma a consolidar uma área segregada pela existência de uma estrutura viária com densidade de tráfego elevada, neste caso a circunvalação.

Esta proposta baseada nos paradigmas de integração social, habitação multigeracional, entre outros, desenvolveu-se uma implantação segundo uma estrutura linear, redefinindo com construção a curva da circunvalação, para que deste modo se garanta uma maior desenvolvimento para a intervenção, introduzindo-lhe também uma vocação pedonal capaz de consolidar a sua base e conferir-lhe estrutura na definição do conjunto.

Qualquer abordagem conceptual para esta zona não poderia, em caso algum, ignorar a interpretação da estrutura de quarteirão do centro histórico e demitir-se de estabelecer como prioritária uma ordem de diálogo com a proposta.

Consequentemente a definição programática da proposta não poderá deixar de englobar um vasto conteúdo programático capaz de garantir a dinâmica social e económica, a utilização regular dos espaços partilhados e das praças centrais.

A segunda fase do Estudo, partiu-se para a definição de um Tema e Objeto de estudo da tese, “ Viseu Cidade Inclusiva: Arquitectura Intergeracional: habitação e espaço público” optando-se por estudar e aprofundar a solução do Setor Norte pelo facto de se considerar que esta possui grandes potencialidades para o Tema e Objeto e se encontrar numa zona considerada delicada na cidade de Viseu.







## **A NECESSIDADE DE HABITAÇÃO**

A necessidade de garantir habitação às populações apresenta-se de diferentes formas ao longo da história. Em todas elas pode-se constatar a existência de uma crise na habitação com dimensões diversas que resultam das circunstâncias políticas, económicas e sociais do momento que se vive. Em qualquer dos casos, movimentos e crises sociais estão sempre presentes na origem das crises da habitação que surgem como temas introdutórios na análise para um entendimento da formatação do conceito de habitação social.

A crise habitacional verificou-se pela primeira vez com dimensão assinalável a partir da revolução industrial, num período de grandes movimentações populacionais, nomeadamente na Europa, período em que se registaram fenómenos de migração dos aglomerados rurais para as cidades. Refira-se que outro momento de grande carência habitacional registou-se no final da primeira guerra mundial quando vastas áreas populacionais ficaram completamente destruídas daí resultando um défice habitacional profundo, em que o número de famílias à procura de uma habitação era significativamente superior às habitações disponíveis.

Esse défice de habitação disponível impulsionou a atividade construtiva que ficou a cargo da iniciativa privada que iniciou a construção em massa e recorde-se que à data da revolução industrial, se verificava a ausência da intervenção do papel regulador que o estado tem a obrigação de ter. Esta ausência de interferência por parte do Estado, que à data não teve a capacidade de reconhecer o significado social dos problemas decorrentes da ausência de habitação, permitiu que a construção de habitação, se convertesse numa atividade com carácter meramente especulativo, com predominância de interesses meramente capitalistas.

Esta iniciativa construtiva acabou por gerar, em determinadas circunstâncias, produtos que obrigaram à reflexão, pois em muitos edifícios construídos em resultado destas circunstâncias, verificava-se que, por detrás de algumas fachadas, se vivia em condições insólitas, sem luz, nem ventilação, em habitações de áreas reduzidas ao mínimo habitável.

## CRISE HABITACIONAL

Tem de se reconhecer que indubitavelmente, nos períodos pós-guerras, o problema da habitação, se transforma em crise de habitação. Nestes períodos, a falta de habitação é consequência não apenas da destruição provocada pelas próprias guerras, mas também pela estagnação económica, pela estagnação da construção e pelas movimentações populacionais, não só nos países intervenientes, mas também nos países neutros no perímetro dos conflitos. Estes fenómenos geradores de desequilíbrio na lei da oferta e da procura no mercado habitacional são geradores do aumento do custo das habitações e conduzem ao agravamento do fenómeno em virtude do crescimento da procura ser muito mais rápido que o da oferta e que o aumento do nível de vida das populações que assim não permite fazer face a esse desequilíbrio.

Por forma a contrariar estes fenómenos, a intervenção do Estado tornou-se impreterível por forma a assegurar habitação com dignidade adequada para todas as classes, incluindo as mais desfavorecidas. Surge assim o conceito de habitação-social "(...) são consideradas habitações sociais, as habitações de custos controlados promovidas com o apoio financeiro do Estado e destinadas à venda ou ao arrendamento nas condições de acesso por ele estabelecidas." <sup>1</sup>

Como definição de habitação-social e, reforçando intencionalmente a ideia de "custos controlados", surge então uma nova ideia e um diferente conceito, designado por "habitação-mínima". Este conceito de habitação-mínima define-se geralmente como uma habitação de nível inferior na qual se reduz a área ao mínimo indispensável à habitação, com o objetivo de se conseguir uma redução de custos, mas dando resposta às necessidades mais básicas. Desta forma, a intervenção do estado é maximizada, com a resolução do problema habitacional de uma maior percentagem da população, com custos controlados.

A necessidade de resolver todos estes problemas e a necessidade de encontrar soluções socialmente aceitáveis levou a que a reflexão e discussão se instalasse na sociedade, em particular nos sectores profissionais ligados à problemática da construção com especial ênfase para os arquitetos e urbanista originando o CIAM.

<sup>1</sup> In Diário da República, I Série, no 113, de 17-5-1983, Portaria no 580

## CIAM TIMELIME

Esta problemática da habitação-mínima foi objeto de abordagem no primeiro congresso internacional de arquitectura moderna (CIAM), com o objetivo de se procurar uma solução para o problema social e habitacional emergente da situação calamitosa em que a Europa se encontrava. No II CIAM, sob a direcção de Ernest May, e pela mesma razão, surge como tema geral, face à construção sistemática de habitação social, a habitação para o mínimo de existência tendo sido inspirador com particular aplicação em iniciativa levada a cabo na cidade de Frankfurt.

Para uma melhor interpretação de todos estes fragmentos da história que continuam a condicionar e a inspirar a abordagem do tema da habitação, impõe-se que se defina, antes de mais, o que se entende por habitação, recorrendo-se às palavras de Le Corbusier :

*"Uma casa: um abrigo contra o calor, o frio, a chuva, os ladrões, os indiscretos. Um receptáculo de luz e de sol. Uma certa quantidade de peças dedicadas à cozinha, ao trabalho e à vida íntima. (...) Quantos espaços: um para cozinhar, e um para comer, um para trabalhar, um para se lavar e um para dormir. Estes são os padrões da habitação (...)”<sup>2</sup>*

A resolução dos problemas de habitação passou obrigatoriamente pela necessidade de considerar e desenvolver a construção de edifícios destinados a habitação plurifamiliar, que não é mais que a tipologia que melhor sustenta esta abordagem da habitação económica/mínima, não só devido ao investimento como também às áreas de solo mobilizadas que assim se revelam significativamente mais otimizadas em resultado da repetição, standardização e sequência, seja num plano horizontal ou vertical.

Organiza-se assim a habitação social segundo três grandes grupos: habitação em bloco, habitação em banda e novos paradigmas habitacionais. O estudo destes casos, justificado com base nos acontecimentos históricos que originaram os problemas da habitação social, teve por base, de acordo com os CIAM, a caracterização dos estudos, das soluções e dos debates realizados, na tentativa de atenuar o problema de habitação nas cidades.

<sup>2</sup> Leonardo Benevolo; Historia de la Arquitectura moderna; p.523

O primeiro grupo, habitação em bloco, surgiu no período pós primeira guerra mundial, com início em 1918, e decorreu até ao final da década de 30. Do mesmo modo, o segundo, habitação em banda, emergiu no pós segunda guerra mundial, teve início no final da guerra e durou até à década de 60. Por fim, o terceiro, os novos paradigmas habitacionais, decorreu dos elevados níveis de migração motivados pelo crescimento económico que se verificaram após a década de 60 nalguns países da Europa.

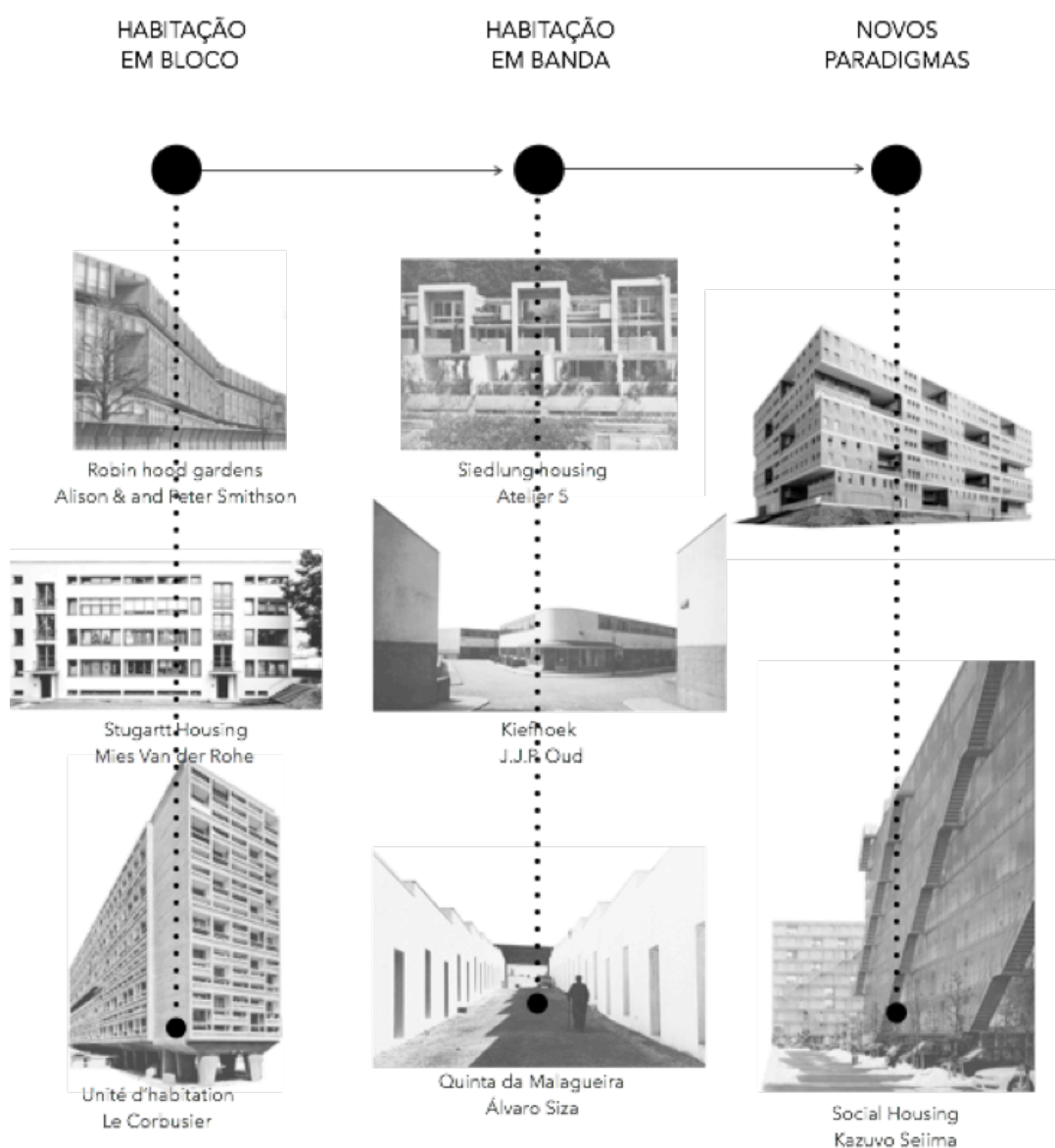
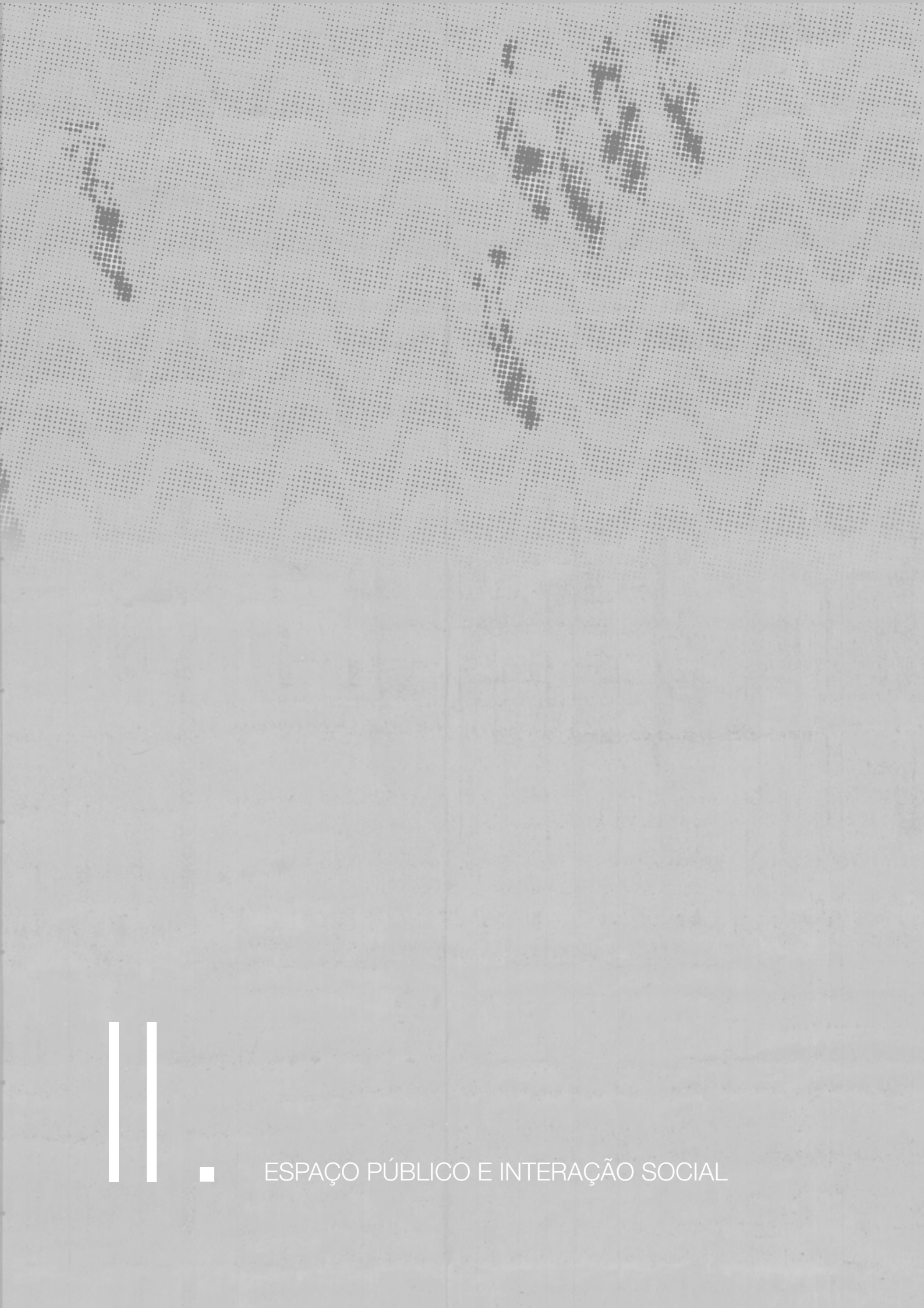


Imagem 1 | Unidades habitacionais sociais





ESPAÇO PÚBLICO E INTERAÇÃO SOCIAL



## A HABITAÇÃO INTERGERACIONAL: ESPAÇO COLETIVO E IDENTIDADE

Numa habitação coletiva ou numa habitação social que se pretendem intergeracionais, os espaços coletivos assumem e reúnem um papel importante na criação de um sentido de comunidade intergeracional. Esta comunidade intergeracional constitui uma coletividade que permite ao homem, no seu contacto e interacção, aceder à identidade do coletivo, mostrando-lhe a identidade individual, pois são indissociáveis uma da outra. Deste modo, os espaços coletivos e os espaços individuais reconciliam-se num compromisso que confere identidade aos usuários, aquando do usufruto dos espaços e da interação social que acontecem em simultâneo.

*“Enquanto, por um lado, a estrutura representa o coletivo, por outro, a maneira como pode ser interpretada representa as exigências individuais reconciliando assim o individual e o coletivo.”<sup>1</sup>*

Não se pode ignorar a grande importância que o espaço coletivo assume ao proporcionar oportunidades de interação social entre os seus usufrutuários, na formação da conduta pessoal, em particular nas camadas mais jovens da comunidade intergeracional, permitindo-lhes beneficiar da formação do espaço coletivo e da internalização de formas de estar e de conviver com os restantes membros da comunidade, recebendo as suas influências e introduzindo-lhe a renovação que lhe vai permitir uma constante revitalização. Esta simbiose permite que todos os segmentos desta comunidade intergeracional possam ter benefícios recíprocos na internalização das abordagens à vida que os segmentos da comunidade personificam. Estes benefícios recíprocos verificam-se de múltiplas formas e contribuem passiva ou ativamente para a formação dos seus membros e para a constituição de uma identidade coletiva.

*A apropriação deste espaço “(...) fornece a base para o desenvolvimento do sentido de identidade pessoal e grupal. O sentido de identidade grupal pode emergir simplesmente porque os indivíduos partilham o mesmo local, pois estão expostos a conhecimentos e experiências comuns.”<sup>2</sup>*

É por todos reconhecido que o sentido de comunidade é gerado e fortalecido por práticas sociais realizadas conjuntamente num mesmo espaço coletivo, onde residentes e membros da mesma comunidade urbana, ou de outras, possam desenvolver conjuntamente atividades que os envolvam e lhes permitam criar e partilhar objetivos conjuntos garantindo a formação de espírito de grupo fundamental à criação de coesão social que não será mais que o ligante que vai unir os vários estratos que constituem a comunidade, sejam eles de índole social ou etários. É desta forma que se desperta e consolida o sentimento de pertença e integração na comunidade residente, permitindo que este, através da partilha de atividades e espaços comuns, se integre na comunidade urbana e permita que esta assuma o espaço de habitação social como fazendo parte integrante dela assimilando e esbatendo fronteiras que não se desejam e que experiências negativas sejam eliminadas, evitando-se, assim, a segregação social e urbana.

Esta interação potencia o surgimento identitário que emerge da comunidade e se apropria do espaço coletivo, pois significa “(...) *ter tomado posse de um mundo, tê-lo compreendido com um ato de identificação*”<sup>3</sup>.

É importante que a interação social ocorra neste processo, fortalecendo a identidade coletiva e regenerando a identidade individual através da troca de conhecimentos, de experiências, etc. O espaço coletivo assume assim um papel fundamental e indispensável na expressão daquilo que podemos apelidar de identidade grupal e de satisfação das necessidades comunitárias.

A habitação intergeracional permite igualmente concentrar a necessidade de privacidade, o respeito que lhe é devido, o isolamento, mas permite também criar a expectativa, numa perspetiva de dimensão social, na formatação de um sistema que seja palco do carácter identitário da comunidade-residente proporcionado pelas possibilidades de apropriação, de estabelecimento de relações de convívio, de partilha de conhecimentos e experiências entre os seus habitantes.

<sup>1,2,3</sup> HERTZBERGER, Herman. Lições de arquitetura. 2.a Edição. São Paulo : Martins Fontes, 1999

## TERRITÓRIO E INTERAÇÃO SOCIAL NO ESPAÇO COLETIVO

Não basta conceptualizar a necessidade de convívio social, é preciso dar-lhe conteúdo e programar espaço para a sua concretização. Surge assim que a referenciação da interação social é indissociável da necessidade de que esta não ocorra exclusivamente nos espaços comuns destinados à fruição e convívio dos membros de uma comunidade.

Estes espaços destinados a uma comunidade têm obrigatoriamente de comunicar com os restantes espaços da comunidade urbana, sejam de vizinhança próxima ou de vizinhança alargada. Esta comunicação, fundamental para a integração urbana destes espaços, tem que ter uma linguagem permeável, atrativa e catalizadora que permita uma transição discreta entre os diversos espaços garantindo e potenciando a comunicação entre eles e através deles.

Os espaços de transição devem constituir-se como espaços que constituam um prolongamento do cenário da vida doméstica que possibilitem a reunião coletiva, potenciem o encontro espontâneo e a realização de tarefas individuais que permitam a interação social espontânea ou programada. Deverão também constituir-se como espaços de transição que constituam elementos de ligação a outros espaços urbanos garantindo a intercomunicabilidade entre eles.

É na definição destas funções que a arquitetura assume um papel fundamental, na conceção de formas e meios que permitam materializar a exigência a que nos impomos, de garantir a conceção de espaços que sejam utilizados e que se constituam como elementos de encontro, ou seja, de integração e interação social.



Imagem 2 | Diagrama conceptual espaço público (fonte própria)

## A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

A conceção de soluções de intercomunicabilidade e de integração social impõem a apropriação de espaço na medida em que é usado para satisfação e estabelecimento de afinidade com determinados elementos e espaços evocativos, desejavelmente interessantes, curiosos e estimulantes e com espaços associados a grupos humanos e a gostos e sentimentos pessoais. Ainda assim, não se deverá desvalorizar a complexa relação entre a apropriação e a estruturação do modo de vida.

Deste modo, para que a arquitetura leve a cabo a sua missão inicial, é necessário que o homem recorra à interação social, ou então que lhe seja possibilitado o contato e encontro espontâneo enquanto usufrui do espaço.

O uso e apropriação do espaço coletivo só é possível por parte do indivíduo caso o espaço ofereça oportunidades para tal, ou seja, possibilidade de o usuário exercer controlo sobre ele, constituindo-se como um espaço flexível e resiliente. Destaca-se a importância de Norberg-Schulz na teorização de espaços públicos, afirmando que o espaço tem não só que acolher o desenrolar de uma função específica mas ainda de permitir o que se pode fazer a mais do que se pretende.

Na apropriação de um determinado espaço podem-se estabelecer duas vertentes: uma ativa, que incentiva e aceita a colaboração e as intervenções dos habitantes, naturalmente enquadradas e previamente estudadas; e uma passiva, que oferece aos habitantes elementos, espaços e ambientes que por eles possam ser fácil e fortemente apropriados.

É essencial que o espaço coletivo tenha o máximo potencial de apropriação, por forma a proporcionar alguma liberdade de expressão, adaptação e acessibilidade aos seus utilizadores. A apropriação tem relações muito fortes com adaptabilidade, seja a mudar ou reconfigurar ambientes, evitando que a identidade de cada um fique limitada, o que é deveras importante e no caso em estudo, um programa destinado a diferentes faixas e escalões sociais e etários.

A satisfação do espaço coletivo atingir-se-á com a crescente possibilidade de flexibilidade e apropriação. Quando a possibilidade de nos apropriarmos do nosso espaço nos é negada, o resultado será o anonimato, o desinteresse e em última instância, e frequentemente, o abandono e o vandalismo.

É crucial deixar um amplo campo de exercício à criatividade. Um espaço personalizado reflete-se como extensão dos residentes, através do qual pode regular as relações com os seus semelhantes.

A liberdade de expressão dos residentes torna-se tanto maior quanto mais espaços se possuírem sem utilização estritamente determinada, maximizando as possibilidades de apropriação. A satisfação crescerá com a capacidade que o residente tiver de personalizar os seus espaços aos seus usos, quer seja por meio de mobílias, decoração, jardinagem, etc.

A apropriação deve também ser capaz de conciliar e servir a identificação dos habitantes com o seu espaço individual e privado, e a identificação dos grupos de vizinhos com a sua unidade.

## **A INTERAÇÃO SOCIAL**

No desenvolvimento das práticas diárias, conscientemente ou não, o residente apropria-se do espaço coletivo, elemento que define o cenário das práticas sociais quotidianas e inevitavelmente, ao fazê-lo, o indivíduo pratica e exprime a identidade coletiva.

A comunidade pressupõe todos os aspetos comuns coesivos da sua identidade. Um residente partilha com o outro, no seu quotidiano, a comunidade e o espaço. Os rituais, inscritos no quotidiano, transportam a necessidade de interação com o espaço, com o outro e com a comunidade. Eles implicam uma troca com o espaço onde são realizados. Assim sendo, é importante a *“(...) compreensão das operações materiais que se desenvolvem ao nível da apropriação do espaço em termos daquilo que é configurado na ideia dos indivíduos/grupos e (re)produzido através dos discursos e das práticas sociais.”*<sup>4</sup>

A interação social pode decorrer do desenvolvimento das atividades sociais. Gehl, em *Life Between Buildings*, afirma que estas acontecem de forma espontânea como consequência direta da deslocação e da estadia no mesmo espaço. São atividades que dependem da presença dos outros no espaço público. A criação de momentos para o encontro ganha grande importância quando se tenta possibilitar os *“contatos passivos”*<sup>5</sup>, pois estes, como forma de contatos de baixa intensidade, podem crescer.

Possibilita-se o desenvolvimento de amizades, pois “encontros frequentes em conexão com as atividades diárias aumentam as oportunidades de desenvolver contatos com os vizinhos”. Para encorajar o encontro e a interação no dia-a-dia, existem algumas estratégias de projeto pontuais das quais o arquiteto se pode recorrer.

<sup>4,5,6</sup> GEHL, Jan; *Life Between Buildings – Using Public Space*, The Danish Architectural Press, Copenhagen, 2010,

Refletindo sobre este aspeto ao classificar os espaços de acordo com a facilidade ou impedimento destes para desenvolver interação social. Considera-se então espaços sociófugos como aqueles cujas disposições tendem a prevenir ou desencorajar o desenvolvimento de relações sociais – espaços introvertidos e espaços sociópetos também denominados de extrovertidos, encorajam o crescimento de relações interpessoais estáveis, por exemplo, espaços com mesas redondas.

Mesmo tendo como objetivo a criação de espaços que suscitem a interação, é importante que um único espaço nos dê oportunidade para ambas opções: é desejável que o espaço seja flexível, possibilitando ao residente estar socialmente envolvido ou não, dependendo do seu desejo e necessidade.

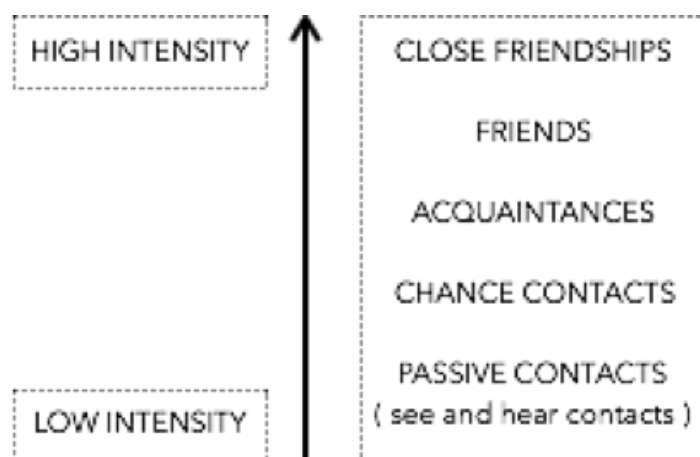


Imagem 3 | Diagrama de interação dos espaços públicos  
Fonte: GEHL, Jan. Life Between Buildings



## O PAPEL DO TERRITÓRIO NA INTERAÇÃO SOCIAL

É importante considerar a relação dialética que existe entre a estrutura espacial e a estrutura social e a ligação entre as configurações do espaço e as identidades coletivas. O espaço é organizado e qualificado pelos utentes através dos discursos e práticas que para ele, com ele e nele exercem. Também os processos de socialização estão ligados à espacialização, pois o residente constrói relações e interdependências com o espaço. A organização espacial estrutura-se através da organização social, e é esta identidade sócio- espacial que representa a identidade coletiva.

Um aspeto importante do desenho para a territorialidade é estimular a apropriação do espaço por parte dos utentes, e para facilitá-la é necessário dotar o espaço de identidade própria. É decorrente da criatividade que os habitantes se expressam nas formas de apropriação do espaço, na recriação do espaço doméstico, no desenvolvimento de estratégias de contorno à construção oficialmente reconhecida e que deverá valorizar também a capacidade de produzir interações sociais significativas e de inserção social.

*“Os lugares devem convidar a participação. O confronto do indivíduo com os restantes participantes é de extrema importância, tanto para o indivíduo e para a sociedade. É parte de um processo de aprendizagem contínua para existir, se comportar e pensar em comunidade, para aprender a se tornar humano. (...) A aprendizagem é parte integrante do processo de crescimento, mudança e envelhecimento em que a observação, informação e ação entre as pessoas, coisas e eventos desempenham um papel igualmente importante.”<sup>6</sup>*

O utente torna-se emocionalmente mais envolvido quando pode exercer controlo sobre as coisas, sendo para isso crucial que o arquiteto ofereça um convite para tal. É preciso que este se consciencialize de que o usuário deve ter a liberdade de decidir por si mesmo como quer usar cada espaço. O uso coletivo do espaço despoleta encontros espontâneos que acontecem entre os residentes, e consequentes interações sociais. Portanto, é com a potencialidade de apropriação interativa coletiva do espaço que os contatos sociais podem acontecer.

<sup>6</sup> CHERMAYEFF, Serge, TZONIS, Alexander, Op. Cit., Pág. 159

## PROCURA DE NOVOS ESPAÇOS COLETIVOS

Na procura de integração e interação social e a consequente integração do espaço Seria, de certa forma, redutor pensar que a resposta para a nossa busca fosse o próprio espaço coletivo. Pois, não se pode ignorar que este, antes de se apresentar com uma dada organização espacial e com as múltiplas possibilidades de apropriação que possam potenciar relações sociais e aproximar a comunidade residente, o espaço coletivo insere-se na estrutura que é a habitação social intergeracional com uma localização específica e estabelecendo relações físicas com os espaços comunicantes. Assim, e pensando no convite do espaço para a interação social no seu interior, torna-se pertinente abordar os aspetos relacionados com os seus limites.

### ABERTURA E ENCERRAMENTO

As fronteiras do espaço, a sua conexão, a transição e a configuração dos seus limites podem revelar-se muito importantes, sendo necessário abordar o carácter da abertura e do encerramento do espaço. A configuração do limite ajusta-se de acordo com as intenções de uso para o espaço.

Um espaço encerrado passará despercebido ao residente que por ali passa e não suscitará interesse para que este entre e se aproprie dele, mesmo com todas as potencialidades que possa oferecer. O encerramento reduz significativamente o espaço para a expressão da identidade, seja do lugar, da comunidade ou do residente que dele se apropria. Não nos esqueçamos que num espaço encerrado terá sempre que haver, no mínimo, uma abertura, pois o encerramento pressupõe a abertura, apresentando-se um na existência do outro. As propriedades de encerramento são atingidas pelas aberturas, que possibilitam a visibilidade da estrutura, a continuidade ou descontinuidade.

A abertura permite ao espaço coletivo abrir-se ao espaço de transição ou a outros espaços adjacentes. Na abertura com estes últimos, o espaço coletivo expande-se e providencia mais possibilidades de apropriação do que aquelas que o único espaço possuiria. Em contraste ao encerramento, a abertura proporciona a relação visual, a partir de fora, com o interior do espaço coletivo. Vogel e Mello, em Quando a Rua Vira Casa, diferenciam os espaços principais em abertos – para coletivizar – e em fechados – para privatizar –, associando relações de apropriação diferencial. Os autores constatarem como a

*“(...) vida comunitária é um conjunto de desempenhos suportados por palcos (...) e como estes palcos tendem a ser identificados com um destes modelos – aberto ou fechado. As manifestações sócio-culturais características de um grupo – vida comunitária – estarão associadas a conceitos de “abertura de espaços”<sup>7</sup>*



*Imagem 4 | Piazza del Campo, Siena, Itália*

*Fonte: <http://www.tuscany.co/wp-content/uploads/>*

Este controlo consegue que o espaço estabeleça um convite ao seu uso. É a partir desta característica que o residente ganha percepção do que ali acontece. Consegue assim exercer controlo sobre o que sucede, suscitando um sentimento de segurança e de conforto face àquele espaço e à apropriação que poderá fazer dele. O oposto constata-se com o encerramento, inculcando o medo e a hesitação, pois não antevê o que o vai receber ou confrontar.

A abertura tem o potencial de despoletar interesse e apropriação espontânea, através da sensação de segurança que sugere tornando o espaço convidativo. Tendo isto, e a importância que a relação visual pode assumir no conjunto habitacional e na apropriação dos seus espaços, optou-se por, no projecto desenvolvido neste âmbito, projetar vazios que atravessam todos os pisos e ofereçam enfiamentos visuais entre cada um deles. É todo um único espaço onde os olhares se cruzam, permitindo enfiamentos visuais em múltiplas direções. Nesta relação de tridimensionalidade espacial, o residente adquire uma sensação de controlo, de segurança e conforto dentro da grande estrutura que é este projeto. Assim, esta não funciona como uma adição de elementos espaciais, mas sim como uma única unidade.

Quanto aos espaços interiores coletivos do caso prático, estes baseiam-se na visão de Gehl para o espaço público. Para este autor, vermo-nos uns aos outros – considerado contato passivo – é também uma forma de contato, de atividade social, e é um ponto de partida para outras formas de contato social. Ainda, a possibilidade de ver, permite-nos saber se os vizinhos estão lá fora, providenciar inspiração para a ação, despertar a vontade de participar nas atividades e interagir com o outro.

*“Ser capaz de ver o que está a acontecer em espaços públicos pode também ser um elemento de convite (...)”*<sup>8</sup>

Tendo em conta a conexão visual conferida pela abertura, os espaços coletivos podem então atrair naturalmente e serem eles um motivo para que os residentes se apropriem dele. E por isso, o vazio torna-se crucial nesta interpretação e na conceção do caso prático como meio de controlo visual do espaço coletivo interior.

Neste trabalho torna-se igualmente importante fazer referência ao acesso visual com o exterior, mais particularmente na perspetiva do pátio central da residência – um outro espaço coletivo que deve lançar o convite à apropriação.

<sup>7,8</sup> GEHL, Jan; Life Between Buildings – Using Public Space, The Danish Architectural Press, Copenhagen, 2010.





## CASOS DE ESTUDO

### HABITAÇÃO SOCIAL SALGUEIROS - AVA ARCHITECTS

Localizado nas proximidades do núcleo urbano da Lapa, na cidade do Porto, o conjunto habitacional social de Salgueiros é implantado num terreno com alguma complexidade fronteiriça e topográfica, bem como num aglomerado urbano com zonas de escalas e características distintas.

As ruas que conformam o lote, a Travessa de Salgueiros e a ligação à Rua de Cervantes, funcionam como uma espécie de limite do núcleo da Lapa, numa transição para uma zona de escala e desenvolvimento urbano distinto, resultando edifícios em altura afastados da rua, devido ao carácter morfológico do terreno e à tipologia arquitectónica.

A análise primordial deste projeto em contexto urbano foi o reconhecimento das envolventes urbanas distintas garantindo as relações e características volumétricas do núcleo da Lapa e a continuidade de ligações urbanas a norte da cidade.

*“Quer adaptar-se e, simultaneamente, traduzir uma objectiva colmatação urbana, na procura de um todo, entre novos e velhos fragmentos, produzidos em diferentes tempos que nunca podem vir a ser reduzidos a uma unidade imediata, mas coexistindo como realidades paralelas, pelo que os desenhos urbano e de arquitectura propostos se solidarizam na formalização da ideia de edificar uma parte de cidade”.<sup>1</sup>*

O edificado faz a transição entre um lugar antigo e a forma urbana contemporânea, une e relaciona ao mesmo tempo que clarifica o limite do núcleo da Lapa sem nunca pôr em causa a sua identidade.

A volumetria do edifício gera um espaço público central aberto, com carácter de praça, que define a cota do edificado, verificando-se um desnível acentuado resolvido por diversas ligações através de sistemas de escadas, rampas e atravessamentos em vários pontos das duas ruas. A conceção dos respetivos elementos de acessibilidades cria continuidades entre o conjunto habitacional que permitem o atravessamento para as vias públicas e contemplação dos espaços circundantes.

<sup>1</sup> Carlos Veloso: Habitações na Travessa de Salgueiros, Porto. In Jornal dos Arquitectos. 236 (2009)





Imagem 1 | Fotografias do Edifício  
Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/6038572/habitacao-social-salgueiros-slash-ava-architects>

No projeto verificam-se pontos de tensão e fragmentação do conjunto que são absorvidos por pontos de ligação e continuidades que unem os dois arruamentos. No piso à cota da praça residem espaços comerciais por forma a promover serviços, permanência e atratividade para os moradores e cativar o público envolvente.

O declive do terreno e a diferença de cotas entre a Travessa de Salgueiros e a Rua de Cervantes é resolvido através de um embasamento, a diferentes cotas, em que o edifício assenta.

No nível da praça, cota ao qual o edifício assenta, a diferença de cotas é reforçada por um embasamento com textura e cromática reforçada relativamente à fachada e por um envolvimento de uma grelha metálica escura no estacionamento e os espaços comerciais são revestidos por caixilharia de ferro e chapas metálicas. Estes três níveis, o embasamento



de pedra, a grelha metálica do estacionamento e a caixilharia de ferro dos espaços comerciais, contrastam com a fachada do edifício, elevando-o em relação ao nível da rua e afastando-o do arruamento, conferindo-lhe uma monumentalidade que o relaciona com a escala e a morfologia de cidade com a qual se confronta.

Analisando o alçado da Travessa de Salgueiros, possui uma leitura distinta da travessa de Cervantes. O edifício possui este carácter mais minimalista e com uma leitura mais subtil. O embasamento acontece em duas cotas de uma forma menos pronunciada e é anulado conforme a articulação do edifício com o terreno.

Quer por uma questão de controlo de custos, quer pela pouca profundidade da volumetria, os fogos distribuem-se segundo uma associação clássica de “esquerdo- direito”. Os acessos verticais estão diretamente relacionados não só com a tipologia de habitação, mas também com a organização programática e funcional do edifício em função da sua relação e adaptação com os arruamentos envolventes.

Relativamente à tipologia dos fogos de habitação, quer pela estreita largura do volume, quer por questões de relação com a envolvente e composição de fachada, foi adotado um esquema de distribuição interior em “corredor”. As tipologias variam entre T1 e T4, com maior predominância dos T2 e T3, reflexo do público-alvo a que se destinam. Devido à diferença de cotas entre as duas ruas que ladeiam o lote, os espaços dos quartos, seguidos em banda, viram-se para a praça e os espaços de serviço (lavandaria, cozinha, arrumos e casa(s) de banho), estrategicamente situados do lado do corredor oposto aos quartos, viram-se para as ruas exteriores e a sala é a única divisão que ocupa as duas fachadas do edifício. Esta opção permite reduzir os vãos de janela das fachadas que dão para a Travessa de Salgueiros e criar uma maior privacidade.

O aspeto mais interessante deste edifício é, sem dúvida, a forma como, a diversos níveis, o edifício se integra na malha urbana da cidade, numa difícil zona de fronteira entre duas realidades completamente distintas, conseguindo relacionar-se com ambas sem perder o carácter e a significação próprios.

## LOUIS KHAN – FOUR FREEDOMS PARK

No “Four Freedoms Park” – o memorial a Franklin D. Roosevelt –Kahn aparenta ter a intenção de unir várias ideias sobre geometria e estruturas em unidades densas que tocam a mente dos observadores de uma forma direta. A existência de ecos históricos leva a que se lhes dê demasiada ênfase e que se esqueça que Kahn transcende as suas fontes, estabelecendo uma ordem própria. Ao condensar e destilar imagens, esta ordem é acima de tudo abstrata. Kahn usa um abstracionismo modernista com um conteúdo complexo, que sugere, até, um vazio metafísico. O seu trabalho escapa à categorização de estilos, chegando a níveis arquetípicos de experiência.

O memorial a Franklin D. Roosevelt, o “Four Freedoms Park” — localiza-se na extremidade sul da ilha de Roosevelt (anteriormente ilha de Welfare), no Rio Este, paralela a Manhattan. Khan projetou e planeou este projeto antes do seu falecimento em 1974, de modo a homenagear o presidente do “New Deal” e celebrar um dos seus discursos chave, o dos “Four Freedoms” (quatro liberdades) de 6 de Janeiro de 1941, sobre liberdade de discurso e expressão, liberdade religiosa, ser livre de querer e ser livre de recuar. Kahn foi um simpatizante das posições de Roosevelt, e desenvolveu um traço que o próprio descreveu como sendo ‘um jardim e um quarto.

Linhas de tílias criam espaços verdes na área, definindo os limites do parque e convergindo numa noção de perspetiva sobre o busto de Roosevelt e o rio.

Esta é uma arquitetura que, à semelhança das lâminas metálicas de Richard Serra, relevam a noção da gravidade bem como um sentido de escala visual. As massas são experienciadas fisicamente e os planos de terreno inclinados e rampas diagonais formam compressões e expansões perspéticas do espaço tridimensional.



Imagem 2 | Alameda Arbórea do *Four Freedoms Park*

Fonte: [http://www.stevendubnerlandscaping.com/photos/four\\_freedoms\\_park/four\\_freedoms\\_park-01.jpg](http://www.stevendubnerlandscaping.com/photos/four_freedoms_park/four_freedoms_park-01.jpg)

Não existem citações históricas diretas, no entanto, o local emite um sentimento ancestral, como se de um templo faraônico na ilha paralela a Manhattan se tratasse.

O memorial de Kahn a Roosevelt destila muitas das suas ideias sobre monumentalidade mas de uma maneira que compõe as ambiguidades da percepção. O pavimento da “sala” exterior é visto como uma plataforma em relação direta com as vistas distantes do rio, que são direccionadas para o campo de visão como um palco. Imediatamente além das arestas da plataforma, encontra-se um valado que obvia a necessidade de um corrimão e encoraja o sentimento de que esse espaço pertence a um universo mais vasto.

A arquitetura de Kahn é repleta de inversões: massas que subitamente parecem não ter peso, materiais que se dissolvem em imaterialismo, estruturas que revertem as cargas e os suportes, raios de luz que revelam a realidade das sombras, sólidos que acabam por se revelar vazios.



Imagem 3 | Perspetiva cénica do *Four Freedoms Park*  
Fonte: [http://www.jamesewingphotography.com/data/photos/966\\_1ffp\\_louis\\_kahn\\_james\\_ewing\\_2012\\_4861.jpg](http://www.jamesewingphotography.com/data/photos/966_1ffp_louis_kahn_james_ewing_2012_4861.jpg)

Imagem 4 | Eixo Visual do *Four Freedoms Park*  
Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4d/Four\\_Freedoms\\_Park\\_-\\_west.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4d/Four_Freedoms_Park_-_west.jpg)

## LOCALIZAÇÃO I ENQUADRAMENTO

*"A cidade é o elemento fundamental da organização do espaço... atrai e acolhe habitantes aos quais fornece, através da sua produção própria, do seu comércio e dos seus diversos equipamentos, a maior parte de tudo o que eles necessitam; a cidade é o lugar que favorece os contactos de toda a natureza e maximiza os resultados; (...) Se o homem utiliza e molda a cidade, o recíproco é igualmente verdadeiro."*<sup>2</sup>

Com uma posição central em relação ao Distrito, o município de Viseu localiza-se no "Planalto Beirão", coberto por um sistema frio e montanhoso, a Norte pelas serras de Leomil, Montemuro e Lapa, a Sul e Sudeste pela Serra da Estrela, a Oeste pela Serra do Caramulo e a Noroeste pela Serra do Arado. O distrito define-se por uma superfície irregular com altitudes entendidas entre os 400 e os 700 metros, com picos de altitude de mais de 1000 metros. O clima de Viseu distingue-se pela presença de elevadas amplitudes térmicas, com Invernos rigorosos e húmidos e Verões quentes e secos. Do ponto de vista geológico, a maior extensão do distrito é formada por granitos. O distrito é traçado por duas grandes vias de comunicação que no seu percurso têm sido potenciadoras de um desenvolvimento superior áquele que se verifica no resto do distrito.

A cidade de Viseu como capital de distrito capitaliza e internaliza este desenvolvimento que se verifica no distrito ao longo das grandes vias de comunicação. Este desenvolvimento, sobretudo nos domínios da economia, é acompanhado por um reconhecido desenvolvimento urbanístico traduzido pela criação de novas avenidas com infra-estruturas superiores, como é o caso da Avenida da Europa que vem alterar significativamente a cidade no seu conjunto, contribuindo para o abandono do modelo concêntrico que assim progressivamente irá migrar para um modelo radial.

Não se pode ignorar que a cidade de Viseu, sendo um importante centro histórico, apresenta resquícios do mais variado tipo da presença de múltiplas gerações. Este facto pode ser comprovado através da análise de vestígios descobertos que evidenciam Viseu ter nascido no núcleo onde hoje se encontra a Sé.

A localização geográfica deste local e a proteção natural que conferia, face à orografia que o circunda, tornou-o numa encruzilhada e consequentemente num ponto de passagem obrigatória entre o Norte e o Sul, o litoral e o interior.

<sup>1</sup> ROSSI, Aldo. A Arquitectura da Cidade. Edições Cosmos, Lisboa, 2001

Durante o domínio romano, Viseu era já a capital da Lusitânia e um evidente centro urbano, comprovável através dos inúmeros vestígios arqueológicos descobertos na região, como moedas, sepulturas, marcos miliários e, principalmente, estradas romanas. Ainda assim, os romanos refundiram totalmente a cidade, estendendo a cidade fora da muralha primitiva, aumentando a sua área e criando assim as principais estruturas de uma cidade romana, passando a ter um urbanismo muito próximo do hipodâmico, sendo este inexistente anteriormente.

A importância que Viseu possui em toda a Beira, na época dos romanos, pode-se comprovar visitando a Cava de Viriato, antigo quartel-general romano, em forma octogonal com dois quilómetros de perímetro, que servia de ponto de vigia e defesa de todas as estradas que ali afluíam.

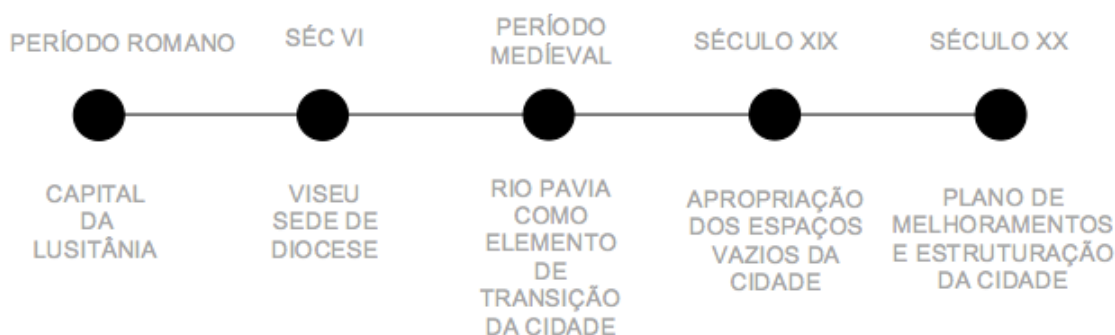


Imagem 5 | Timeline evolução cidade de Viseu (Fonte própria)

Mais tarde, já no século VI, em período de domínio dos Visigodos, na cidade de Viseu é erguida a sede de diocese. Em resultado do conjunto organizado pela colina da Sé e pela Cava de Viriato nasceu uma vila intermédia pejada de fornecedores, serviçais e negociantes, núcleo que molda aquilo que hoje é corrente designar como a Cidade Velha. Entre os anos 712 e 1057, Viseu foi entendida como Castro Vesense (vesi significava visigodo). Finalmente, em 1057, foi dominada por Fernando I, rei de Leão e Castela, altura a partir da qual são planeadas novas zonas de expansão da cidade.

O período medieval não trouxe grandes modificações morfológicas à cidade e nos séculos XV e XVI, é levada a cabo uma importante reestruturação da cidade orientada pelo Bispo D. Miguel da Silva, através da conceção de um plano que atinge a escala urbana, sendo construídos edifícios de inegável valor estético e funcional com particular destaque para o Claustro da Sé, a Casa do Miradouro e o Paço do Fontelo.

Nesta época, o rio Pavia assume um carácter mais marcante na cidade, definindo a transição entre os dois espaços, o morro da Sé e, a norte do Rio, a Cava de Viriato.

Junto a este último local desenvolve-se uma das primeiras fases da expansão, designada por “arrabalde”, ou seja espaço extra muros, subúrbios ou arredores.

Do século XVII até meados do século XIX a cidade ocupa os espaços vazios gerados pela sua longa urbanização. Já no séc. XIX, a cidade de Viseu é considerada como uma cidade de “província”, passando uma fase de ausência de infra-estruturação ou infra-estruturação deficiente.

Este facto, faz com que em 1864, seja criada uma comissão de melhoramentos, seguindo dinâmicas que à época se verificavam em importantes cidades europeias, para tomar medidas necessárias à qualificação urbana da cidade. Entre estas medidas conta-se o levantamento cadastral e o recenseamento da população. A cidade é então reestruturada de acordo com um plano que contempla a definição de estradas nacionais e as intervenções nas ruas existentes que atravessam o centro da cidade. A industrialização manifestada com a construção em 1882 da linha de caminho de ferro para Viseu deu um grande contributo tendo sido importante para o desenvolvimento da cidade. É neste momento que é planeada uma nova avenida que conecta a estação de caminho de ferro com o Rossio.

Posteriormente, haverá que referir o período marcante, ocorrido na década 30 do séc. XX, com a elaboração de um novo plano que veio integrar esta nova avenida, atribuindo-lhe importante relevância no estabelecimento da ligação entre a periferia da cidade e o núcleo urbano mais antigo.

A inexistência de um plano de urbanização levou a que em 1933, o vereador municipal da presidência da Câmara, Major Monteiro de Leite, tenha promovido a elaboração de um plano de urbanização, com vista a criação de um sistema para a cidade em que o desenho da planta interagisse com o terreno, usando para tal conceitos racionais. Este plano previa uma circunvalação em redor da cidade com o objetivo de aproximar os núcleos populacionais periféricos, dotando a cidade de um funcional sistema de vias de comunicação. Mais tarde, a sua construção potenciou o surgimento de edifícios como o dos CTT, o Tribunal e alguns edifícios modernistas.

Em suma, o desenvolvimento da cidade ao longo dos anos fez-se segundo um esquema radioconcêntrico em redor do morro da Sé, que mais tarde foi sustentado por uma nova circunvalação o que ajudou a limitar a cidade.

Constata-se que já no período Romano houve uma definição estrutural do carácter organizacional da cidade, por intermédio do cardo maximus, rua principal que atravessaria a cidade de um lado ao outro. Essa rua seria aquela que hoje em dia chamamos de rua



Direita. Uma outra característica desse período, em termos de construção de ruas, era a presença do decamus maximus, que corresponderia hoje à rua do Gonçálinho. Também na rua das Bocas ficaria, na altura, um cardo minor que se localizava encostado à muralha e outra que cruzaria na actual Avenida Capitão Silva Pereira.

Esta estrutura foi ao longo dos tempos marcando a estrutura da cidade, podendo verificar que a cidade de Viseu tem também atualmente em dois grandes eixos presentes e marcantes na sua malha urbana. Com similitude ao que aconteceu no passado, um, com intuito de forte edificação, marcado pela Avenida da Europa e outro, de forte valor ambiental, caracterizado por um enorme corredor verde para ser o pulmão da cidade.

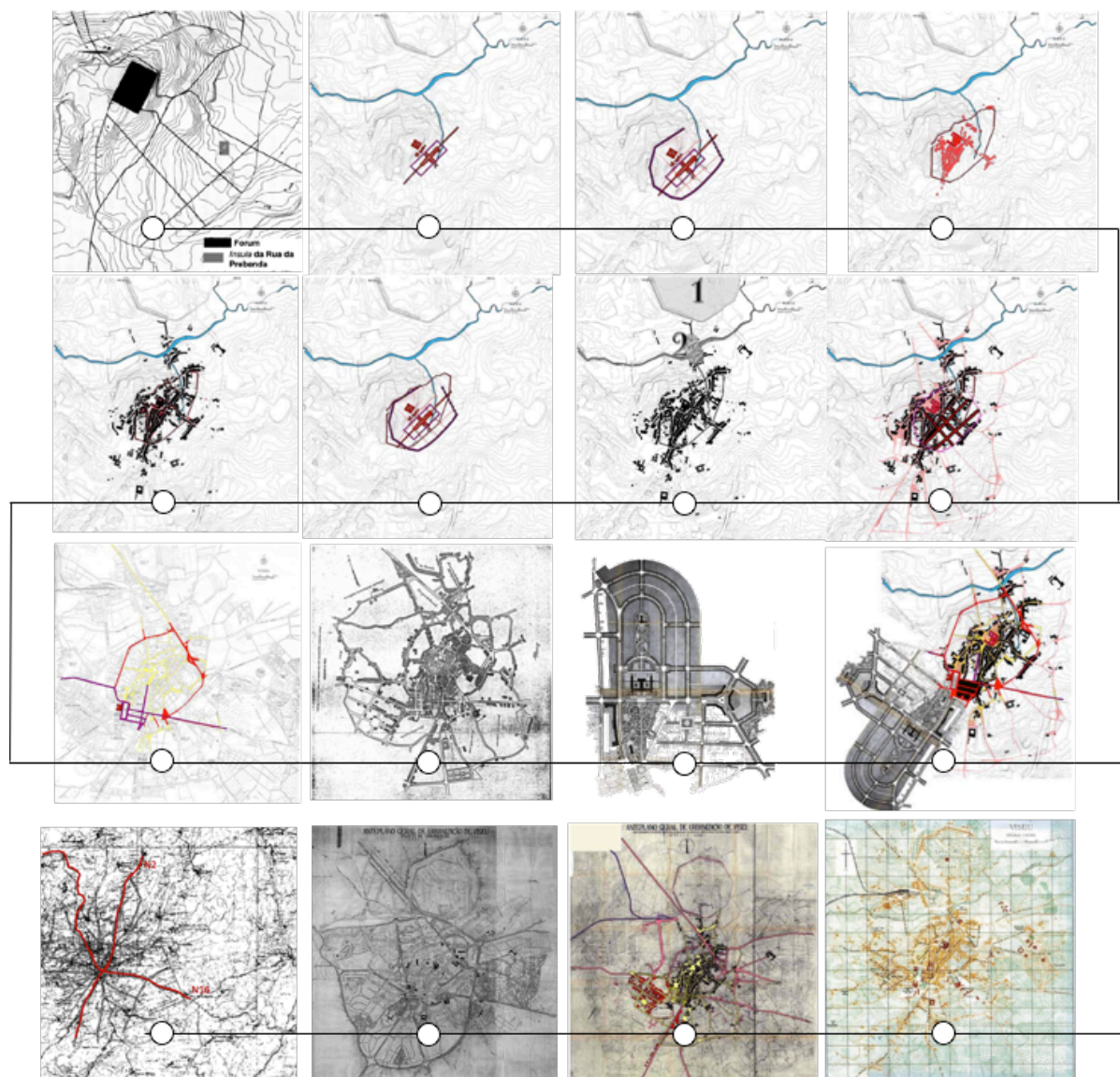


Imagem 6 | Timeline evolução cidade de Viseu (Fonte própria)

## ANÁLISE URBANA

O forte crescimento urbano conduziu a que a cidade de Viseu se caracterize atualmente pela sua expansão de forma ramificada e muito difusa ao longo das principais vias rodoviárias. A forma urbana da cidade fica assim marcada pela existência de vários espaços livres, em virtude de a expansão se ter realizada em todas as direções e de forma muito heterogénea, originando, assim, a uma malha urbana de vias radiais que, partindo do centro, cruzam perpendicularmente as vias circulares concêntricas que envolvem o núcleo urbano.

Este modelo de crescimento apresenta como vantagens, o fácil descongestionamento do centro da cidade, a facilidade de acesso à cidade, reforçando o papel polarizador, o aumento dos espaços abertos e a variedade de vistas e perspetivas da cidade. No entanto, apresenta como inconveniente a irregularidade das parcelas com prejuízo para a edificação, correspondendo, assim, a uma expansão urbana pouco clarificada e planeada. Estes vários eixos são de origem romana e conduziram à formação vários vazios urbanos do que resultou uma evidente fragmentação do tecido urbano, originando o surgimento de uma construção descaracterizada.

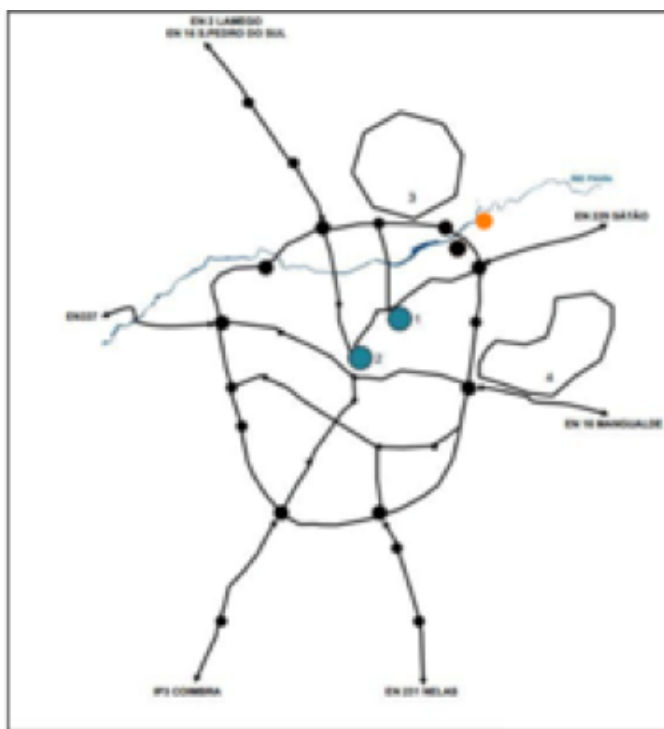


Imagem 7 | Principais estruturas viárias cidade de Viseu (Fonte Própria)



## ÁREA DE INTERVENÇÃO

A cidade de Viseu caracteriza-se pela sua expansão de forma ramificada e difusa ao longo das principais vias rodoviárias. O núcleo urbano da cidade é envolvido por uma estrutura viária radial que parte do centro de onde saem um conjunto de vias perpendiculares que morfologicamente formam a cidade e a marcam, como atrás foi referido, por vários vazios e espaços livres devido ao seu crescimento heterogéneo.

O atual modelo de planeamento e urbanismo da cidade garante a fluidez viária e uma fácil acessibilidade à cidade. No entanto contribui para que a cidade apresente um modelo morfológico heterogéneo devido a uma expansão urbana pouco clarificada com existência de espaços vazios na cidade.

Os vários limites viários urbanos potenciaram a sua fragmentação conferindo descontinuidade nas construções da cidade. Os vazios da cidade, embora elementos desqualificadores da sua forma, podem ser interpretados como “*espaces vagues*”.

Vale a pena referir que Solà-Morales levanta o conceito dos “*espaces vagues*”, o qual interessa aqui perceber com alguma atenção, pelo papel que adquire na instabilidade organizacional do território, bem como a sua formação de natureza artificial.

Os “*espaces vagues*” são assim considerados paços que crescem fora da lógica organizacional no interior da cidade, que, na regra geral, se enfatizam pela ausência e pelo abandono. Aparentemente caídos no esquecimento e parados no tempo, estes espaços parecem reter e abraçar a memória de um passado que se apodera do presente, numa experiência de sentir-se como um estranho na sua própria cidade.

São espaços deixados no território, que são tão importantes como os que são ocupados, e que contêm em si um carácter de promessa pela disponibilidade intrínseca, espaços abertos ao possível e à mudança, espaços de liberdade, mas também de indefinição e de improdutividade, ligados à experiência da memória e do passado ausente, “ (...) são simplesmente lugares (...)”<sup>2</sup> Segundo o arquiteto Siza Vieira, é “o mundo e a memória inteira do mundo que continuamente desenham as cidades”.<sup>3</sup>

<sup>2,3</sup> BELÉM, Margarida. O essencial Sobre: Álvaro Siza Vieira. INCM, 2012

Não obstante, o paradoxo decorrente da mensagem que recebemos desses espaços indefinidos e incertos, não é necessariamente uma mensagem negativa. Certamente, estão precedidos de uma mensagem negativa in-determinate, im-precise, un-certain, mas não é menos certo que essa ausência de limite, esse sentimento quase oceânico, para dizer com uma expressão de Sigmund Freud, é precisamente a mensagem que contém expectativas de mobilidade, vagabundagem, tempo livre, liberdade.

Esses espaços vazios, são apesar de tudo, geradores de entusiasmo também pelo facto de serem expetantes, imprecisos o que em código urbano, podem conduzir a resposta à nossa estranheza ante ao mundo, ante à nossa cidade, ante nós mesmos.

É neste contexto que se inderem as áreas de intervenção estipuladas na cadeira de Projecto Integrado de Renovação, situa-se na Cidade de Viseu.

Estas áreas compõem-se de dois setores, setor norte e setor sul. O primeiro setor, encontra-se delimitado pela circunvalação do lado do Parque do Fontelo, no eixo norte. O segundo setor marca um dos maiores vazios urbanos da cidade e que atualmente é um dos maiores códigos urbanos da cidade que se encontra por resolver, localizando-se no eixo sul.



Imagem 8 | Vista Aerial (Fonte Própria)

## ANÁLISE ÁREA DE INTERVENÇÃO, ENVOLVENTE

### USO

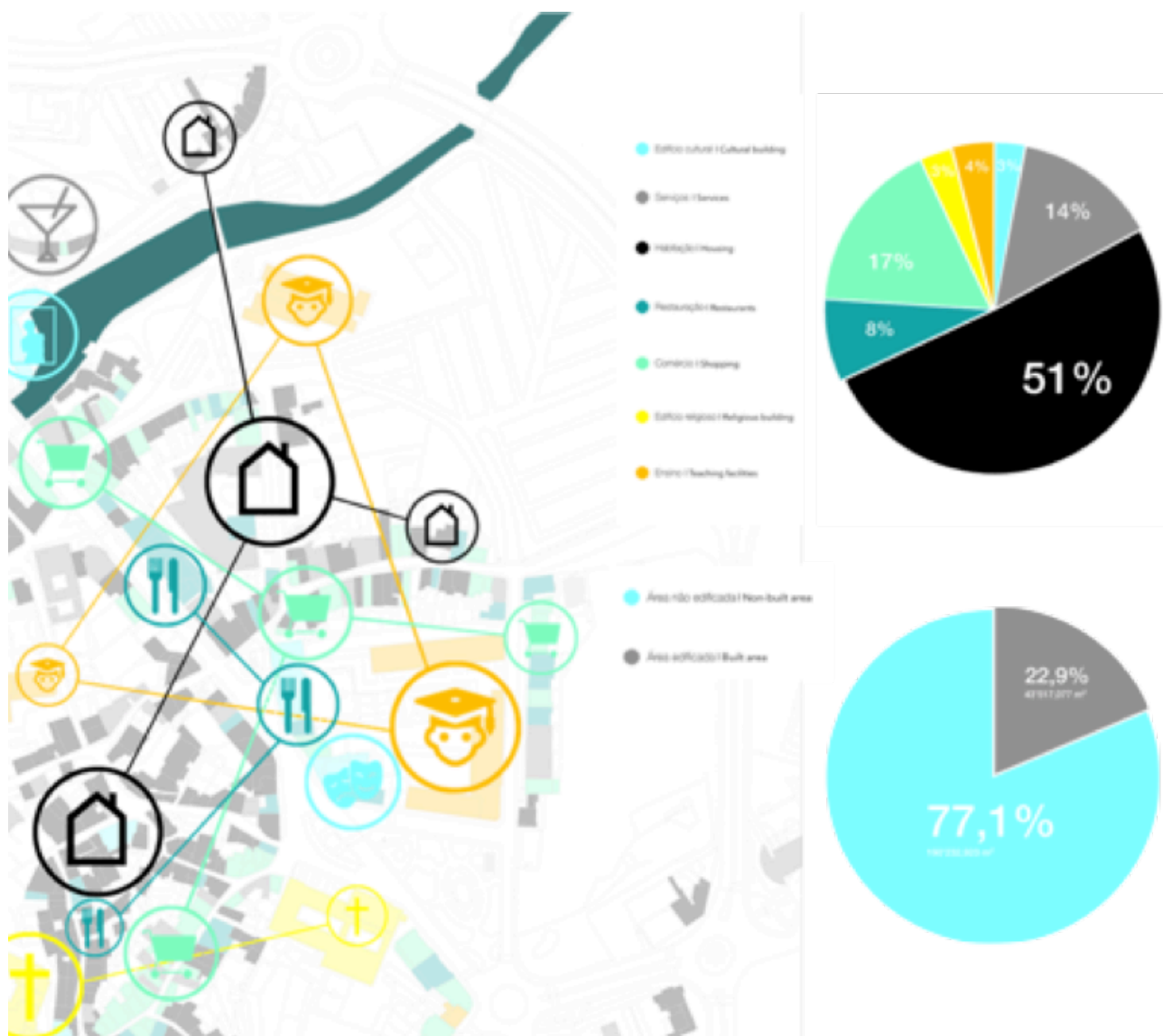


Imagem 9 | Planta de Análise (Fonte Própria)

Segundo a análise da localização apresentada, pode-se concluir que a área de intervenção e a sua envolvente intervenção estão essencialmente dotadas de edificações destinadas a habitação com comércio e outros no piso térreo. Uma parcela bastante considerável de uso desses espaços está utilizada pelo ensino, a escola Emídio Navarro, que não só ocupa uma área importante do seu espaço urbano, como também introduz dinâmica e atrai população de diversas faixas etárias para este sector nos limites da periferia da cidade.

## PONTOS NOTÁVEIS

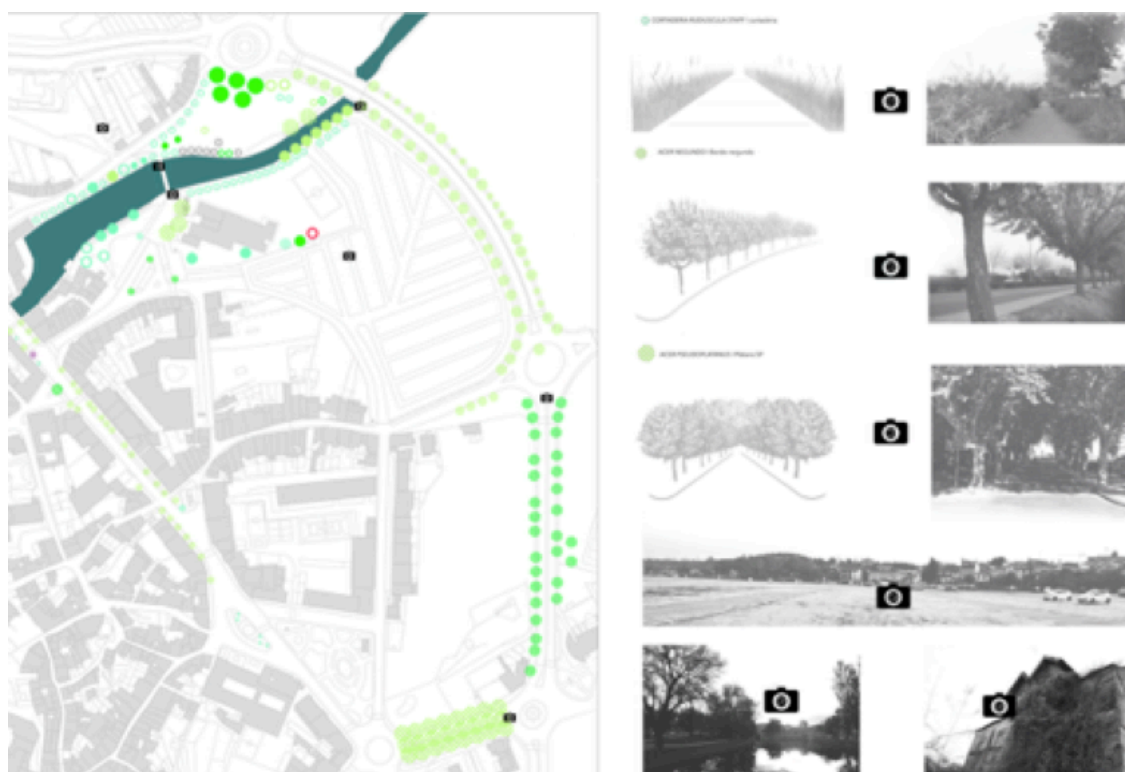


Imagem 10 | Planta de Análise (Fonte

Um dos aspectos mais importantes a analisar da área da intervenção que influencia fortemente a configuração conceptual da proposta, consiste nos pontos cénicos e eixos que se evidenciam em alinhamentos perspéticos na área de intervenção, como por exemplo, os alinhamentos arbóreos que podem servir de continuidade para o conjunto criado no setor da feira, o rio pavia enquanto elemento natural de contemplação, e, na minha opinião, um dos mais importantes, e a perspetiva panorâmica que se obtém sobre o percurso pedonal de circulação no sector sul. Estes aspectos constituem um dos elementos mais condicionantes na evolução da configuração volumétrica e formal da proposta por forma a não obstruir, mas sim qualificar a vista do skyline da Sé e restante manha urbana histórica da cidade de Viséu.

## TOPONÍMIA



Imagem 11 | Planta de Análise (Fonte Própria)

### RUA DIREITA

As ruas medievais eram caracterizadas por serem ruas estreita, como ainda hoje se verifica no centro histórico da cidade. As mesmas estavam denominadas e agrupadas por profissões ou atividades. A rua direita, por tempos era denominada por rua das tendas devido à natureza mercantil da rua

### LARGO ANTÓNIO JOSÉ PEREIRA

O largo antónio Joáe Pereira anteriormente denominado de Largo do Miradouro, detinha uma vista panorâmica sobre a cidade, e cruzava neste largo, a "rua da calçada da vigia", o que eventualmente pode sugerir a importância deste local.

### RUA ESCURA

A topografia acidentada do centro histórico associadas às suas ruas tortuosas e cérceas elevadas impediam a incidência de radiação solar na rua, encontrando-se assim constantemente na penumbra.

### RUA DO ARRABALDE

Arrabalde subentende-se como algo que está fora, no perímetro exterior de uma cidade, na periferia ou subúrbio.

### RUA DO ARCO

Esta rua induz para o arco de uma das muralhas pré-existentes da antiga cidade.



## ANÁLISE SWOT

Torna-se também importante elaborar uma análise SWOT da área de intervenção que se apresenta resumida e que incidiu sobretudo ao nível da caracterização e do diagnóstico não só da zona de intervenção como também da sua envolvente. Tendo em conta os diferentes aspectos a analisar, identificaram-se os pontos fortes, os pontos fracos, as oportunidades e ameaças, considerando que são estes os factores mais relevantes das dinâmicas externas e internas que poderão caracterizar positiva e negativamente a zona.

Estas conclusões ajudam a obter uma leitura mais objetiva da realidade, bem como clarificar a forma como poderão ser potencializadas e trabalhadas.

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
<p>Centro Histórico com valioso capital cultural/patrimonial ;  Relevância do património edificado;  Singularidade da imagem do centro histórico;  Forte presença e simbolismo do comércio de rua;  Existência de manchas verdes relevantes;  Feira semanal;  Comércio tradicional;  Parque do fontelo;  Parque urbano de Santiago;  Rio Pavia;  Cava de Viriato;</p>	<p>Declínio e envelhecimento da população;  Grande dependência automóvel;  Carência de espaços verdes públicos;  Carência de equipamentos e serviços;  apropriação desaguada de alguns espaços públicos (estacionamento desordenado);  Reduzida utilização e usufruição do património cultural;  Degradação progressiva do edificado;  Ocupação desqualificadora do interior dos quarteiros;  Acessibilidades desfavoráveis :  - conflitos de acessibilidade automóvel/peão;  - fraca rede de transportes públicos  - reduzida utilização dos transportes públicos;</p>
OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
<p>Incremento de factores de atração da área com a criação de âncoras comerciais, equipamentos ou serviços;  Reabilitação do edificado, logradouros e a recuperação da função habitacional;  Aproveitamento dos espaços verdes privados para utilização pública;  Aproveitamento das boas acessibilidades da envolvente à zona de intervenção;  Melhoria do sistema de circulação dos transportes públicos e estacionamento;  Eixos visuais sobre o núcleo central da Sé.</p>	<p>Desertificação/desvalorização do Centro histórico  Envelhecimento da população;  Degradação progressiva do edificado e pavimentos;  Mercado de arrendamento muito debilitado;  Comércio antiquado e pouco dinâmico;  Desinvestimento comercial vs redução emprego;  Crise económica, investimento público e privado agravado;  Quadros legais e normativos em termos urbanísticos e licenciamentos pouco agíria face à reabilitação;  Grande fluxo automóvel na circunvalação colocando em risco a circulação pedonal.</p>

ZONAS VERDES/ ESPÉCIES ARBÓREAS



- Espaço verde público
- Espaço verde decorativo
- Esp. Verde semi-público
- Esp. Verde privado
- Terreno Agrícola
- Vazio urbano

- Bordo-Negundo
- Plátano Sp
- Amieiro
- Castanheiro
- Cedro-do-Atlas
- Sanguinho
- Cortadéria
- Freixo
- Liquid Ambar
- Choupo-Branco
- Choupo-Negro

Imagem 13 | Planta Análise (Fonte Própria)







IV.

PROJETO



## DA IDEIA À CONCEÇÃO

ESPAÇO SOCIAL      ←————→      ESPAÇO CULTURAL

Entender e interpretar as necessidades culturais/sociais e explorar a arquitetura de modo a adaptar-se às pessoas, aos sítios e às tecnologias existentes.

Intervir e agir sobre o espaço tendo em conta os desejos e vontades

PAPEL DO ARQUITETO



ORGANIZAR O ESPAÇO

A organização e configuração da proposta segue a linha de força da relação espacial que a limita através de um sistema de relação urbanístico e segundo uma, participação horizontal e vertical ou seja, pretende adaptar a situação e ideias conceptuais à malha do centro histórico de Viseu, marcando-a com elementos mais adaptados ao sistema arquitetónico contemporâneo e a consolidando os espaços vazios destinando-os às relações e participações públicas. Seria desqualificante e um mau protótipo urbano individualizar a conceção através da descontinuidade das formas geradoras do espaço organizado e ignorar a malha urbanística existente, bem como as formas delapidadas.

*“ (...) O espaço organizado não pode ser esquecido (...) Atitude moral de humildade e de compreensão do criador. ”<sup>1</sup>*

Procurou-se então no processo de criação para o sector norte e sector sul, formas providas de eficiência e de beleza, de utilidade, de sentido e com fortes raízes na área existente. Uma organização e configuração de vazios harmónicos tendo em conta os limites urbanos e físicos, com sensibilidade à escala da cidade.

<sup>1</sup>TÁVORA, Fernando – Da organização do espaço. 2a ed. Porto : Escola Superior de Belas Artes, 1982. pp 14-16

## O PÓDIO ESTEREOTÓMICO

Não ignorando as considerações e concepções de pódio estereotómicos, refira-se que: “A conquista do espaço, estereotómico, era o escavar, o subtrair”<sup>1</sup>

“Poderíamos imaginar o plano horizontal como que talhado na mesma pedra que um envasamento sobre o qual irá assentar a arquitectura. Essa atitude de continuidade termina na construção de um pódio que é uno com a terra, como que nascido dela: o pódio estereotómico será sempre maciço, pétreo e pesado (...)”<sup>1</sup>

*“Os pódios com que Mies Van der Rohe constrói a casa Tugendhat em Brno ou o pavilhão de Barcelona pertencem a este pódio estereotómico. E a sua ideia é reforçada pela forma com que surgem os degraus de acesso como que escavados, talhados nesse potente envasamento.”<sup>2</sup> “(...) poderíamos recorrer a Semper para falar de pódio estereotómico.”<sup>3</sup>*

*“O estabelecimento de um envasamento é uma boa maneira de conceber a arquitetura: situa o homem nas alturas, sobre o plano resultante da consolidação do terreno através do pódio. Ou, nas palavras de Semper (...)”<sup>4</sup>*

*“ Etimologicamente o termo estereotómico provém do grego stereos, que significa sólido, e tomia, que significa cortar (...)”<sup>5</sup>, termo este que se refere não só às obras arquitetónicas obtidas por escavação, através do corte da pedra tal como as cavernas e grutas artificiais, como também a todas as obras produzidas em cujo conteúdo espacial cause a sensação de espaço escavado na Terra, ou um espaço arquitetónico traduzido por vazios e negativos.*

Portanto, o conjunto principal proposto para o sector sul da proposta, nasce a partir do conceito estereotómico, um objecto ligado diretamente à matéria da arquitetura. A Arquitetura e conceito do edifício nasce de muros sólidos e pódios, como um todo hermético cujos muros ocultam no seu interior a forma de construção, fazendo com que a arquitetura destaque a ideia de um todo contínuo.

Na cota do espaço público é procurada a configuração de espaços que promovam uma dinamização na praça a partir de espaços sociais e comerciais, tendo como base conceptual áreas estereotómicas que vivam para dentro. Procurou-se dar-lhe um carácter estático devido à sua materialidade pétreo do objeto do pódio *“mantendo-se preso àquele lugar quase eternamente”<sup>3</sup>*

Propõe-se que a materialidade do pavimento do espaço público seja a mesma do pódio, garantindo assim a ideia de continuidade material que faz com que o volume estereotómico se relacione de forma única com o lugar, como um sólido pesado que se liga à Terra. A continuidade entre o objeto arquitetónico e o solo através do pódio, além de unificar

acomposição estereotômica, garantindo a uniformidade material indispensável à relação de pertença à Terra, transcende as percepções funcionais.

*“É a arquitetura do podium, do embasamento. A arquitetura do estilóbato. Em suma, a arquitetura da caverna.”<sup>6</sup>*

A conceção destes espaços, criados a partir do pódio, surge como uma subtração na construção estereotômica, pois com a criação de vazios o espaço é qualificado com luz tornando-o habitável.

O desenvolvimento do espaço interior é gerado pela tensão da matéria estereotômica, em que as paredes se expandem para se tornarem pisos e coberturas. O volume é homogêneo no qual a estrutura e o revestimento funcionam como um todo hermético que a matéria, o betão, se traduz com continuidade.

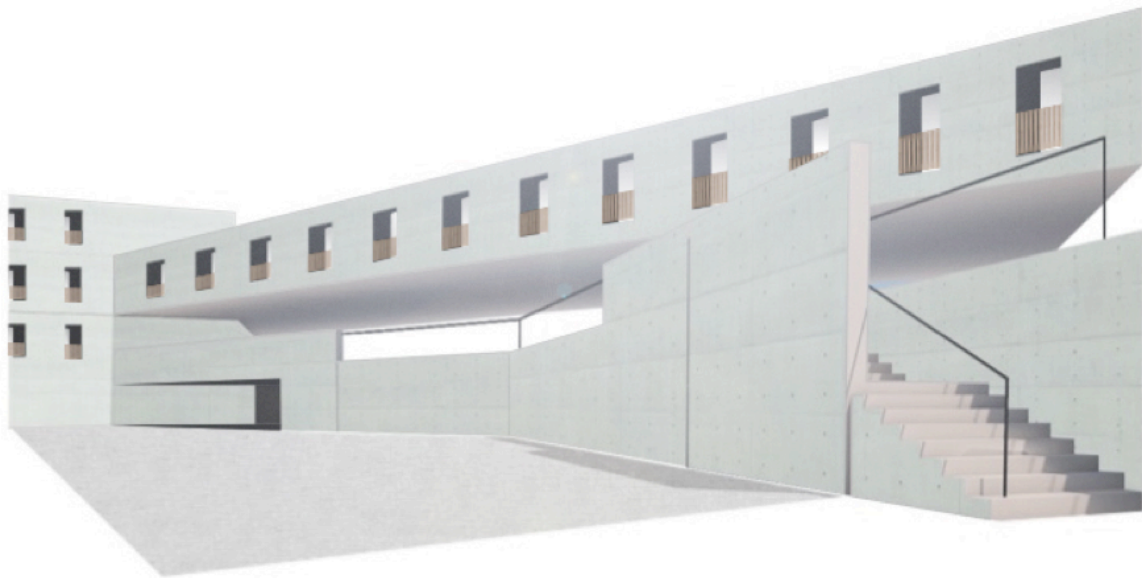


Imagem 1 | Render Conceptual ( Fonte Própria )

<sup>1,2,3,4,5,6</sup> BAEZA, Campo. Pensar com as Mãos. Caleidoscópio, 2013

## CONTEXTO URBANO E ÁREA DE INTERVENÇÃO

A disciplina final do mestrado integrado, Projeto Integrado Urbano, tem como objecto de estudo, na cidade de Viseu, dois sectores de terrenos que se localizam a norte da cidade delimitados pela Rua do Arrabalde (N2), Avenida dos Capitães e divididos também pela Rua do Arco.

A primeira fase de estudo teve como base o desenvolvimento de um programa base, implantação e intenções gerais do projeto para os dois sectores, tendo em conta que estas áreas embora fragmentadas, devem constituir-se como uma só, garantindo a continuidade da imagem da cidade, promovendo novos programas, novas dinâmicas e complementaridade na cidade.

Como tal, analisando de uma forma sucinta, no Setor Sul desenvolveu-se uma malha longitudinal no terreno por forma a tirar partido das curvas de nível, definindo-se uma frente paralela à Rua do Arrabalde e à Rua do Arco, alinhamentos e aberturas com o Solar existente e com o setor sul, lugar da feira, também zona de intervenção.

Ao Setor Norte, constituído pelo local onde se realiza a actual feira de Viseu, pretende-se substituir a sua função por uma outra destinada a contexto habitacional e espaço público, por forma a consolidar uma área segregada pela existência de uma estrutura viária com densidade de tráfego elevada, neste caso a circunvalação.

Esta proposta baseada nos paradigmas de integração social, habitação multigeracional, entre outros, desenvolveu-se uma implantação segundo uma estrutura linear, redefinindo com construção a curva da circunvalação, para que deste modo se garanta uma maior desenvolvimento para a intervenção, introduzindo-lhe também uma vocação pedonal capaz de consolidar a sua base e conferir-lhe estrutura na definição do conjunto.

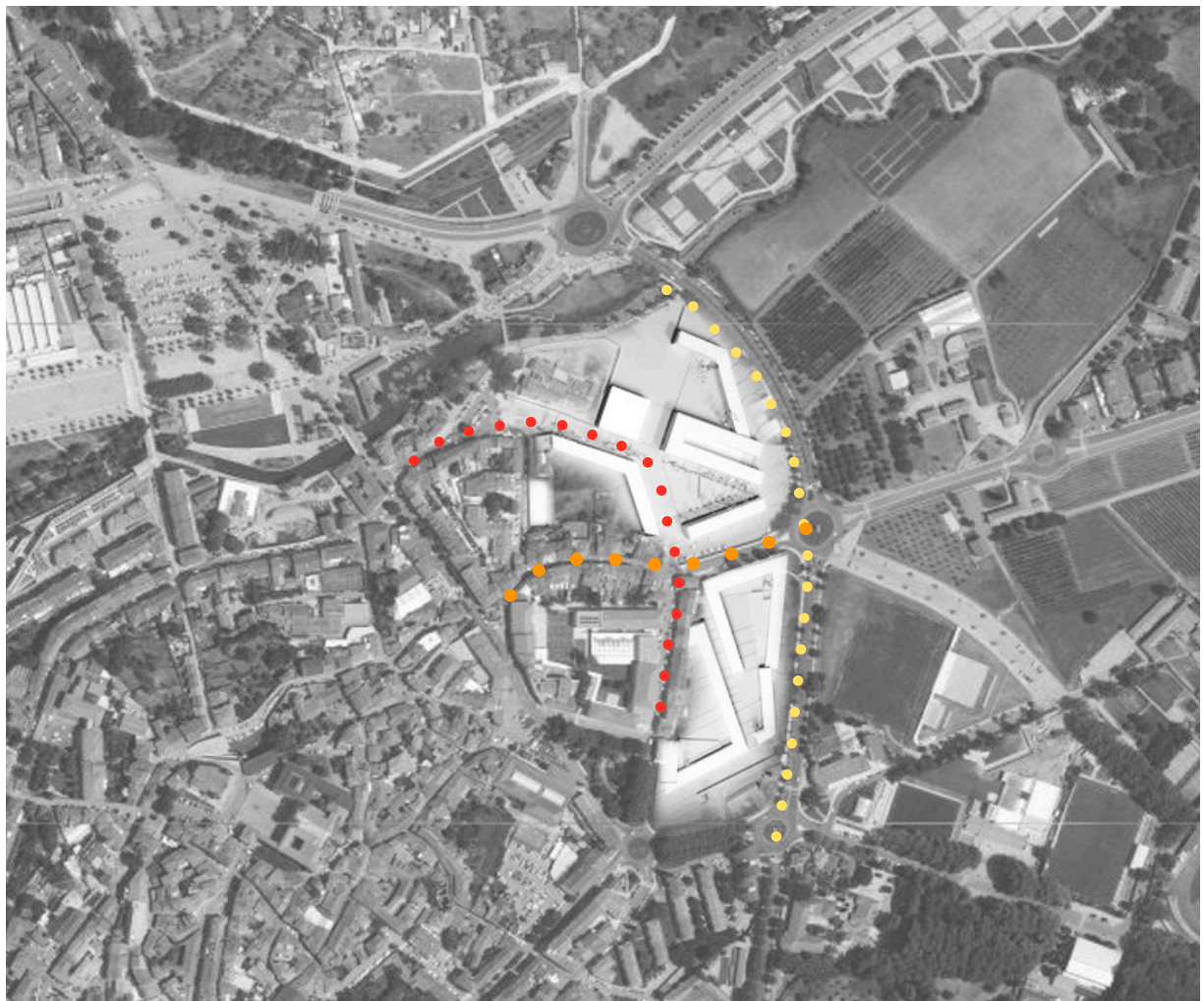
Qualquer abordagem conceptual para esta zona não poderia, em caso algum, ignorar a interpretação da estrutura de quarteirão do centro histórico e demitir-se de estabelecer como prioritária uma ordem de diálogo com a proposta.

Consequentemente a definição programática da proposta não poderá deixar de englobar um vasto conteúdo programático capaz de garantir a dinâmica social e económica, a utilização regular dos espaços partilhados e das praças centrais, o que levou a propor e manter:

- Parque Escolar existente; Habitação;
- Alamedas e Espaços Verdes;

- Comércio/Restauração;
- Pavilhão Multiusos;

A segunda fase do Estudo, partiu-se para a definição de um Tema e Objeto de estudo da tese, “ Viseu Cidade Inclusiva: Arquitectura Intergeracional: habitação e espaço público” optando-se por estudar e aprofundar a solução do Setor Norte pelo facto de se considerar que esta possui grandes potencialidades para o Tema e Objeto e se encontrar numa zona considerada delicada na cidade de Viseu.



● ● ● Rua do Arrabalde (N2)  
 ● ● ● Avenida dos Capitães

● ● ● Rua do Arco



Imagem 2 | Vista Aerial Proposta (Fonte



## EVOLUÇÃO PROCESSUAL DA PROPOSTA

*“A evolução urbana resultou essencialmente da agregação de edifícios, em torno de um núcleo pré-urbano”<sup>7</sup>*

A constituição e composição de partes de uma cidade resulta de processos de criação e estudos diversificados que abarcam diversos temas de análise e interpretação da morfologia urbana, não podendo a arquitetura ficar resumida apenas à ideia base de um projeto.

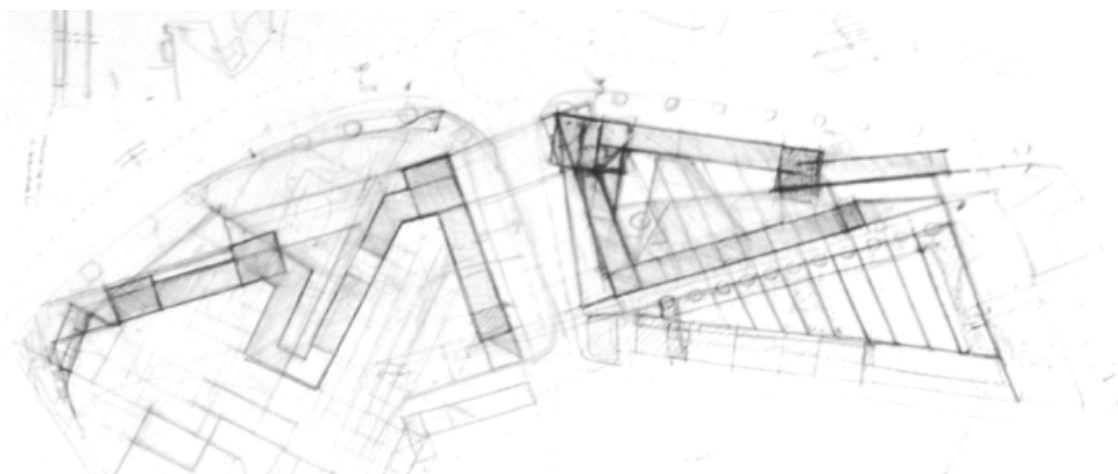


Imagem 3 | Esquços dos dois setores da proposta (Fonte

O processo conceptual que conduzirá à implantação do conjunto habitacional multigeracional, e concepção de áreas envolventes tem que ser gerido pela relação da arquitetura com o lugar, na precisão de análise do locus, que constitui um facto urbano singular, pela dimensão topográfica e pela sua forma. O interesse do programa da arquitetura multigeracional não reside na arquitetura, do ponto de vista social, solitária, mas nas comunidades urbanas com todos os elementos necessários para uma sociedade em funcionamento: residências, comércio, zonas de lazer e outros programas dinâmicos.

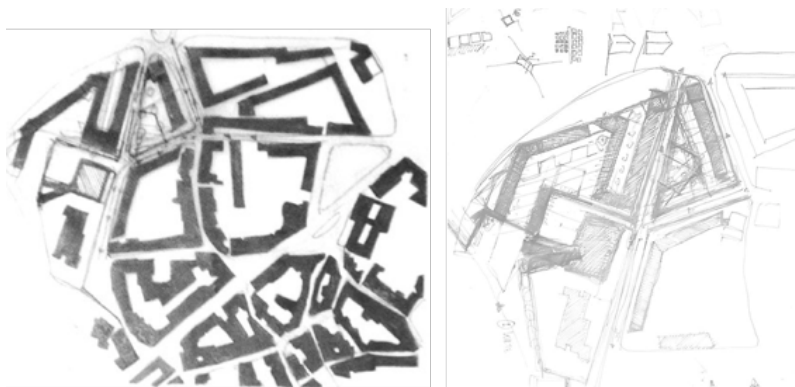


Imagem 3 | Esquços dos dois setores da proposta (Fonte

<sup>7</sup> BAEZA, Campo. Pensar com as Mãos. Caleidoscópio, 2013



O sector a estudar a pormenor, encontra-se Localizado no lugar onde se realiza a feira semanal de Viseu, a área de intervenção corresponde a um vazio urbano que marca a transição entre a cidade e a periferia/aglomerados rurais. Apresenta uma perspetiva privilegiada para o centro histórico e insere-se num lote que apresenta uma topografia relativamente neutra, com limites bem demarcados e com bastante proximidade a um dos espaços verdes mais privilegiados da cidade, a Cava de Viriato.

Por forma a evitar-se a mono-funcionalidade do zonamento, o conjunto foi concebido como um esquema de uso misto que se pretende auto-sustentável, incorporando as três esferas da vida urbana - habitações, comércio e lazer – permitindo, assim, o seu uso contínuo ao longo do dia. Os volumes formalizam entre si um ângulo que intensifica o enquadramento cénico do espaço, que tem como pano de fundo o património da cidade (centro histórico e Cava de Viriato), formando entre si espaço verde comum de uso privado ao condomínio, uma praça ladeada por comércio e um pavilhão multifuncional e desportivo associado à escola existente.



PLANTA GERAL



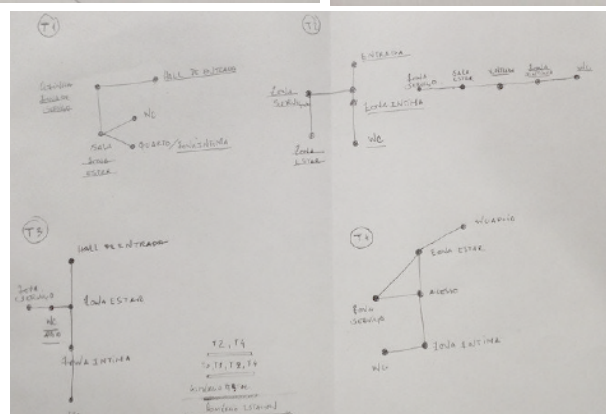
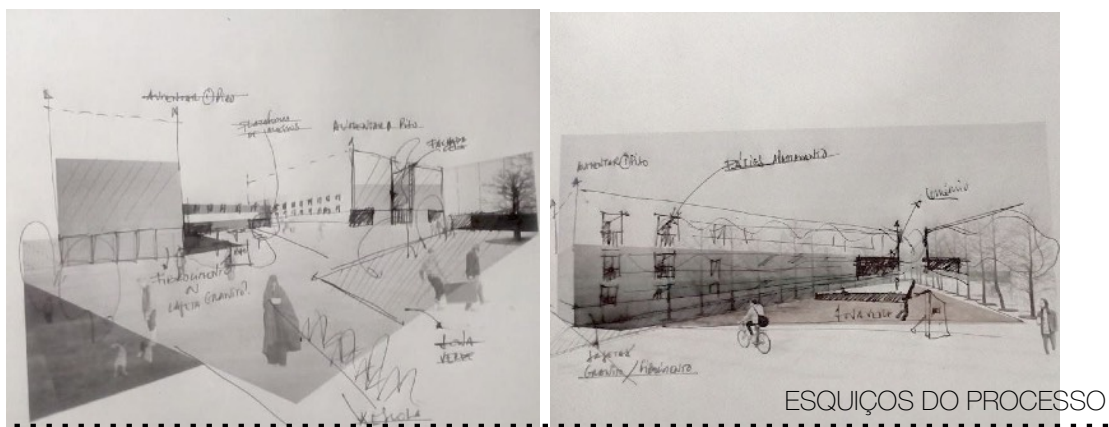
O pavilhão multifuncional proposto e a residência de estudantes visam induzir diversidade e inclusividade no conjunto habitacional, através da introdução de vida juvenil no local. No que se refere a uso público, o projeto pretende gerar um fluxo contínuo na esfera pública da praça, nas ruas, galerias e acessos, que embora privados, vão interagir com o exterior e apresentando-se como visualmente permeáveis.

Na periferia, o urbano dilui-se, torna-se indefinido, vago, ambíguo. Por isso, optou-se pela procura de referências com vista ao estabelecimento de articulação com o ambiente urbano através da conceção de um bloco compacto que consolida a frente da circunvalação, mas que procura ser inclusiva com o casco histórico.

Neste sentido, a proposta atua como elemento unificador e consolidador do vazio com a envolvente e corrige o défice de necessidade de habitação económica, potenciando também assim as dinâmicas sociais. A paisagem urbana caracterizada pelo “skyline” do centro histórico é integrada no projeto através de eixos perspetivos e das aberturas, sendo também controlado pela cêrcea dos edifícios que assim se constitui comum dos principais fios condutores do projeto. A composição volumétrica do edifício modela-se com a cuidadosa utilização da escala e da proporção, por forma a integrar, numa área mista de tipologias residenciais, usos urbanos e transições topográficas e volumétricas. Com a repetição e variação, procurou-se marcar a pauta compositiva das fachadas dos edifícios propostos acabando por se seguir a lógica e imagem arquitetónica dos edifícios envolventes.

Assim, na sua disposição, o conjunto produz uma série de espaços intermédios, potenciadores de lugares de encontro e de contemplação, tal como, uma alameda que inclui um patamar, a abertura gerada pelos módulos habitacionais que criam um espaço aberto e pelas materialização de galerias privadas e públicas libertas que garantem a permeabilidade e a ligação visual entre as duas cotas da zona de intervenção.

O Plano prevê, para além da implantação de nova edificação e ações a realizar sobre o edificado proposto, a formação de espaços públicos, a instalação de infraestruturas urbanas que incentivam a fruição e o lazer e, simultaneamente, a mobilidade e segurança urbana, aspetos estratégicos para o sucesso de um conjunto habitacional que inclua habitações multigeracionais e habitações de baixo custo. Nas unidades habitacionais, por forma a garantir-se a complementaridade e a atratividade com a cidade, previu-se albergar populações de diversas faixas etárias, para o que se desenvolveram as seguintes tipologias: T0, T1, T2, T3, T4, com dez, oito, trinta e nove, dezasseis e dezasseis unidades respectivamente, bem com uma unidade residencial destinada a jovens ou estudantes, composta por vinte e seis quartos duplos. Estes espaços, a desenvolver mediante projetos específicos, visam representar novas funcionalidades e tipologias urbanas, incentivar a cidadania, o regresso aos espaços exteriores e promover um urbanismo de proximidade com um dos maiores ícones da cidade, a Cava de Viriato.



## CONFIGURAÇÃO FORMAL • PISOS • PROGRAMA

### PISO TÉRREO

O projeto resulta de uma leitura muito atenta da envolvente urbana onde se insere, das características e identidade da cidade, das vivências da população e, sobretudo, das carências urbanas da zona em que se situa. Assim, pretende-se criar uma nova centralidade, mantendo relações de diálogo com a sua envolvente, claramente delimitada e estruturada por eixos de atravessamento e alinhamentos que, apesar de inicialmente alguns deles se terem apresentado como condicionantes, depois de algum desenho, acabaram por se tornar num elemento condutor conceptual para o projeto:

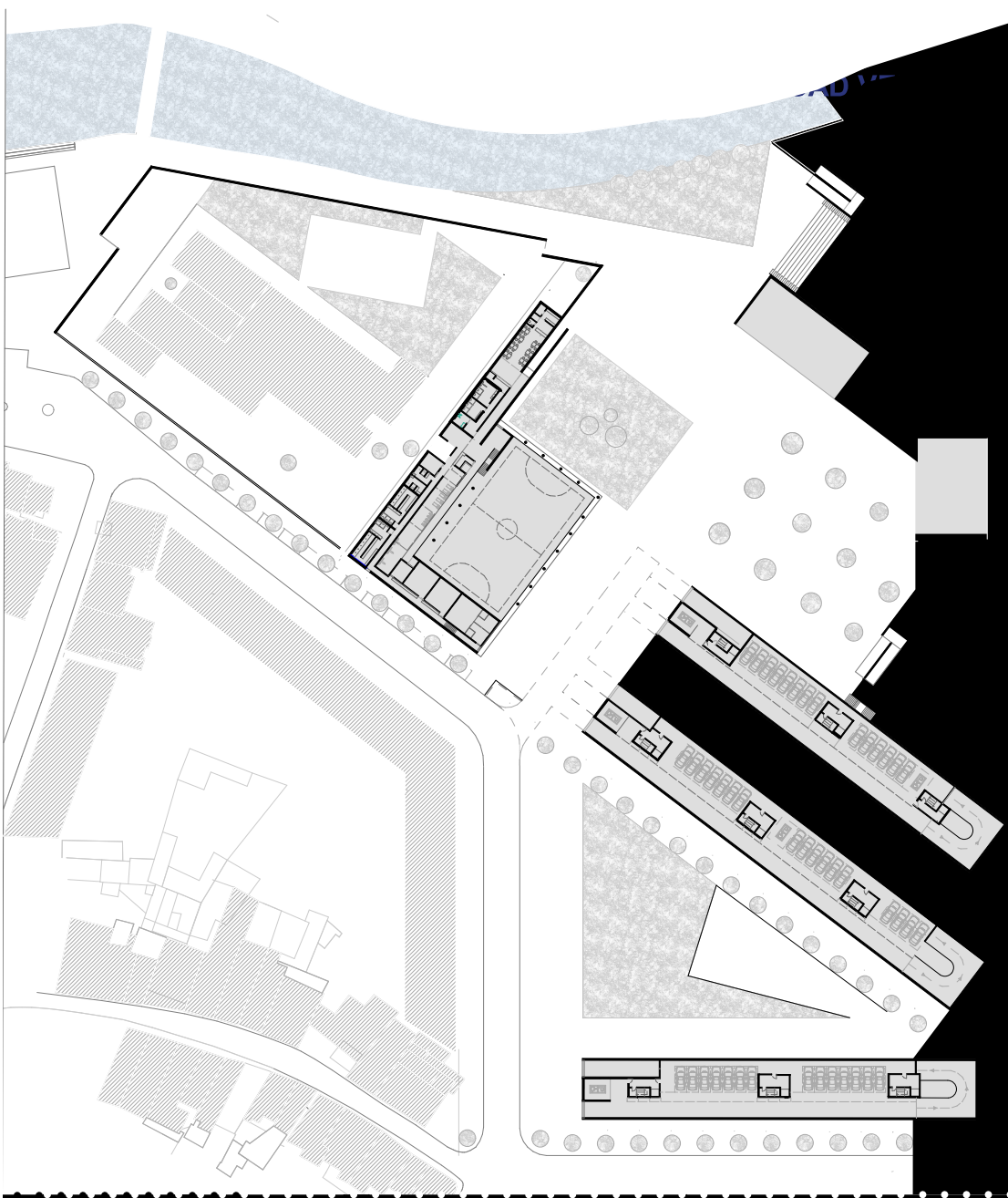
- Rua do Arrabalde;
- Avenida dos Capitães;
- Escola da Ribeira;
- Circunvalação N2
- Recurso Hídrico ( Rio Pavia )

Do lado da Rua do Arco situam-se dois módulos, apresentando-se um deles no alinhamento viário e o outro com uma amplitude de afastamento, por forma a criar uma alameda pedonal com continuidade visual para a Avenida dos Capitães, onde nasce um patamar de estadia e contemplação que acompanha o declive do terreno.

A norte da área de intervenção, gera-se uma praça ladeada por uma massa de embasamento em granito que integra os núcleos habitacionais dotados de serviços de restauração no piso térreo, sendo a sua utilização forçada pela escola existente e pelo pavilhão multifuncional proposto. As acessibilidades e as ligações são asseguradas por dois pontos de acesso, um deles junto à margem do rio e outro central, na praça.

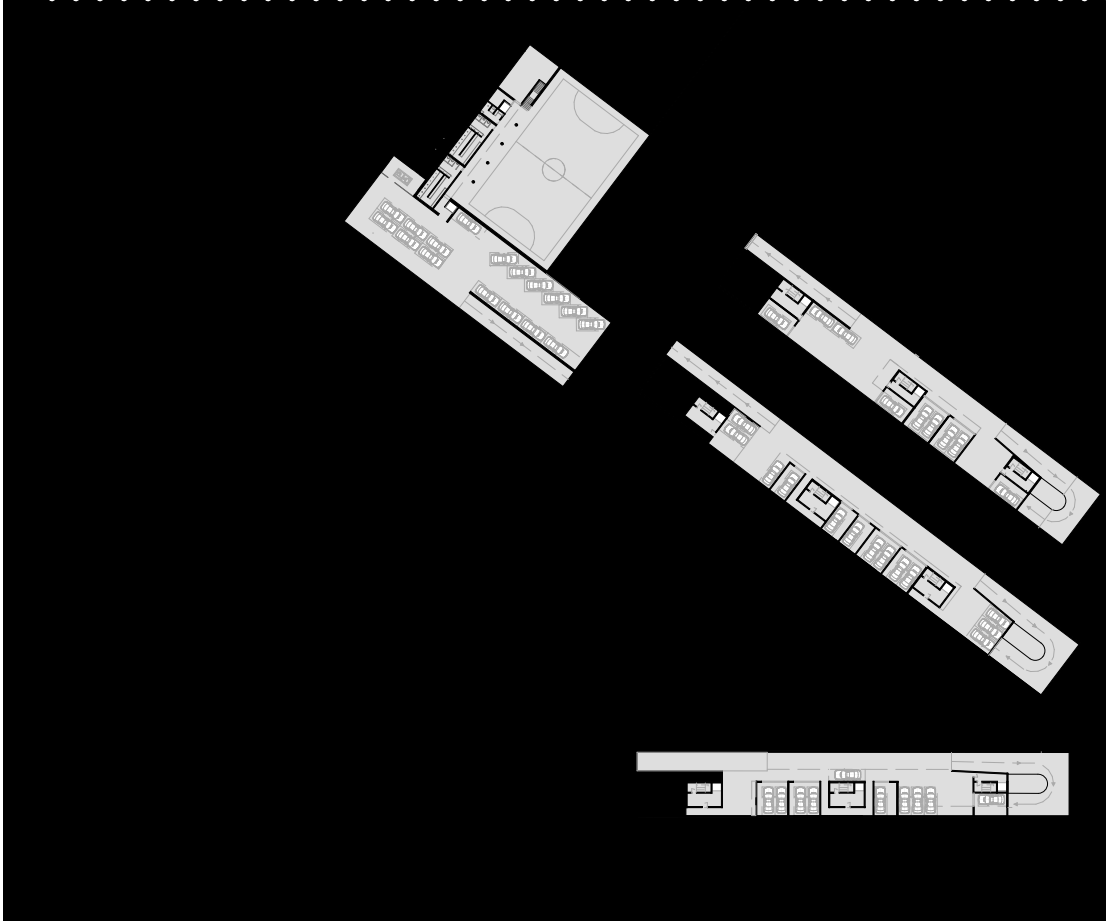
Entre os dois núcleos habitacionais que fazem a transição entre a praça e a alameda, é criado um espaço privado destinado aos moradores do edifício.

Nas proximidades do rio, o desnível de cotas e a proximidade do canal viário, resolve-se com a criação de espaços verdes que potenciam alinhamentos e introduzem complementaridade espaços já existentes ao espaços já existentes ao longo do rio, e a proposta de um anfiteatro, que cria um espaço com contacto mais direto com o rio.



PISO 0

PISO -1



escala  
1:1500

O programa proposto para a organização dos espaços exteriores é dirigido não só aos habitantes do conjunto, mas aos habitantes da cidade, garantindo um movimento contínuo de pessoas a atravessar o espaço e a vivê-lo, indo assim de encontro aos conceitos de sustentabilidade urbana, de integração dos espaços na comunidade, com um área extensa destinada apenas a peões, registando-se apenas tráfego automóvel pontual no perímetro do projeto decorrente do acesso às garagens

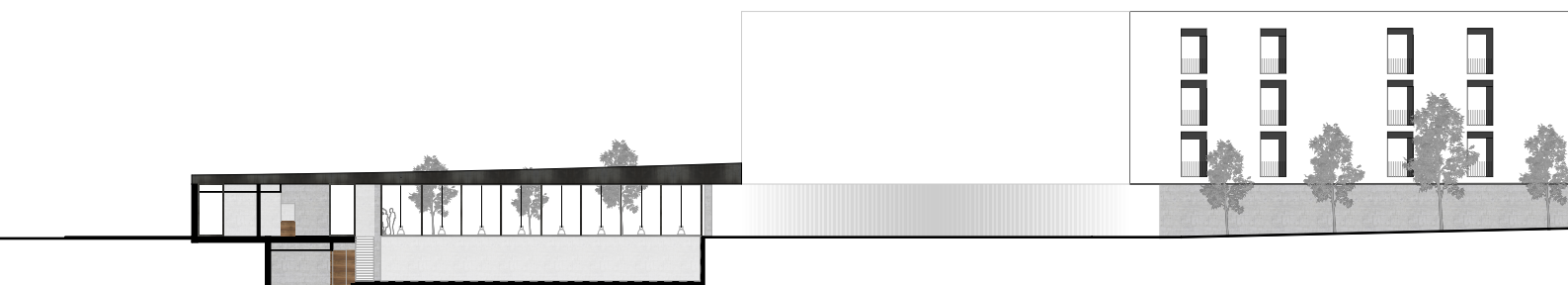
A complementaridade dos espaços criados e o pavilhão multiusos torna-se a alma de todo o projeto. O pavilhão multiusos é um projeto com mais escala e carácter programático capaz de dotar a praça com mais atividade garantindo-lhe aberturas, contactos e potenciando a escola existente, é desenvolvido segundo uma configuração longitudinal à praça, no alinhamento do edifício escolar, colmatando uma zona que do ponto de vista estético se pode considerar desqualificante, mantendo no entanto, sempre em sintonia com a praça.

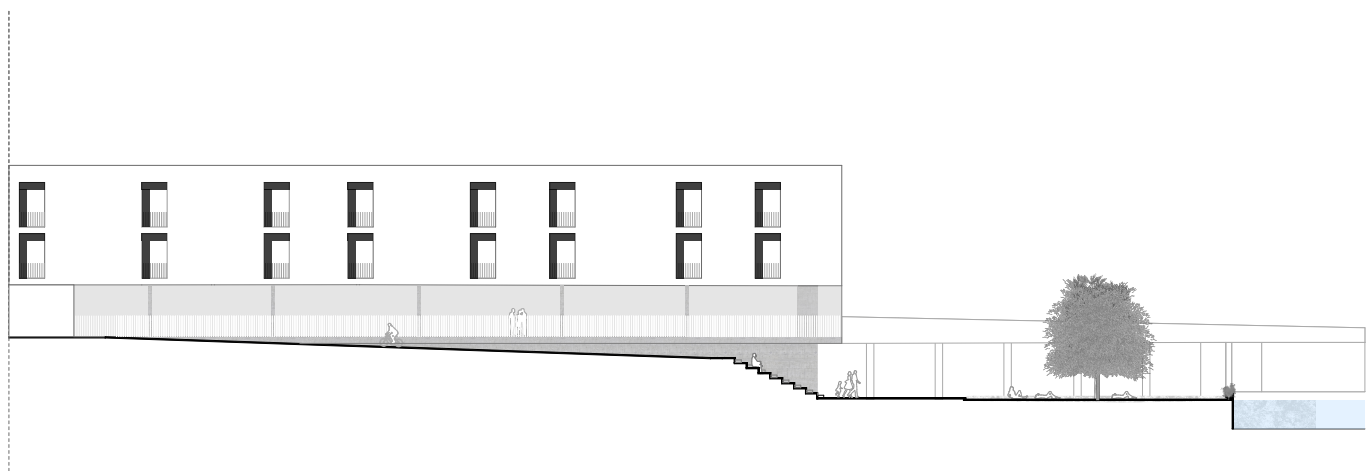
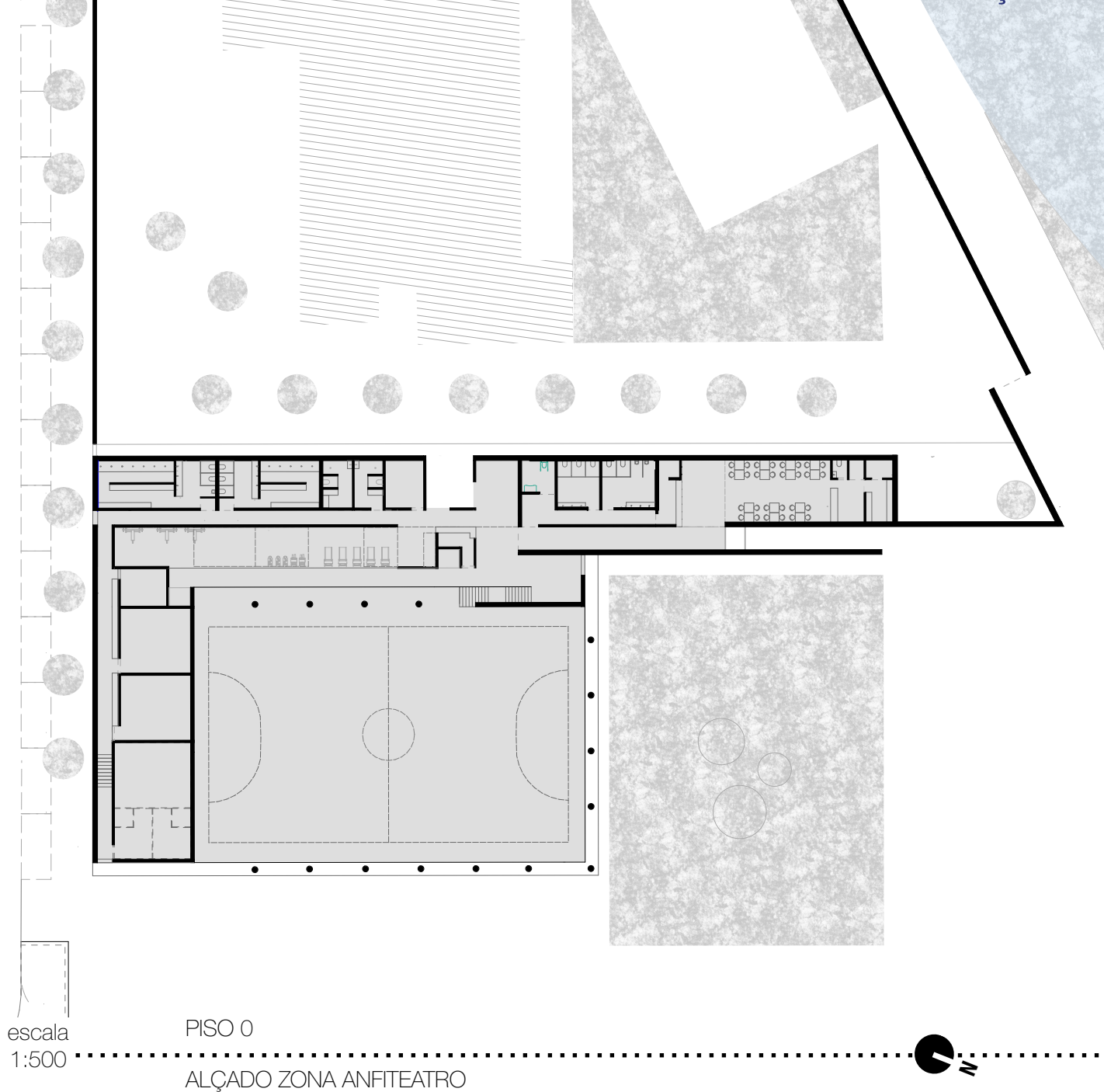
A variedade de tipologias (residencial de estudantes, T0/T1,T2,T3 e T4) e o esforço para rentabilizar o espaço resultam em propostas diversificadas – nestas propostas, em alguns dos apartamentos a sala aparece como elemento central através do qual se acede à zona privada, conceção muito corrente no modelo habitacional modernista. Outros apartamentos apresentam uma solução distinta, em que o hall de entrada ganha mais carácter e é elemento de articulação e transição entre as duas zonas. No entanto, o espaço é sempre compartimentado e obedece a uma organização que não se afasta dos modelos tradicionais e contemporâneos investigados.

Na totalidade do segmento habitacional são garantidas a privacidade e a segurança com recurso à diferença topográfica, e através da diferença de embasamento das superfícies.

escala  
1:500

CORTE TRANSVERSAL PAVILHÃO







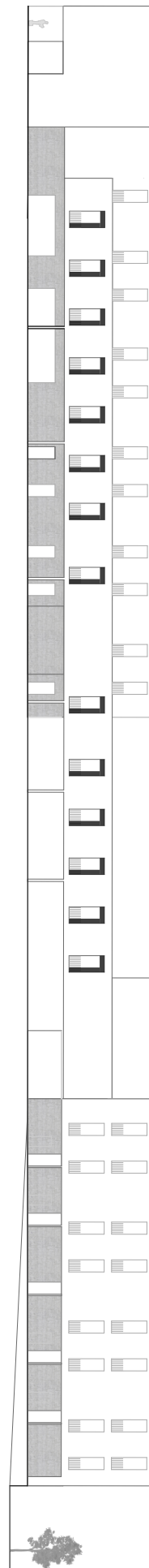
## PISO 1

Relativamente ao piso 1, o acesso aos fogos é definido por uma galeria privada no piso térreo comum a todos os fogos deste piso e que depois estabelece o acesso vertical para os restantes apartamentos. A estrutura organizacional dos fogos adotada é o T3, organizados de uma forma muito clara, com uma zona de estar, a sala, sempre em relação próxima com a divisão da cozinha, e com a zona íntima, onde se encontram os quartos. Baseadas numa transição de espaço notória entre a esfera íntima e a esfera privada, os pontos de contacto dos apartamentos com o exterior, foram concebidas através pátios interiores, compõem cada divisão de quarto.

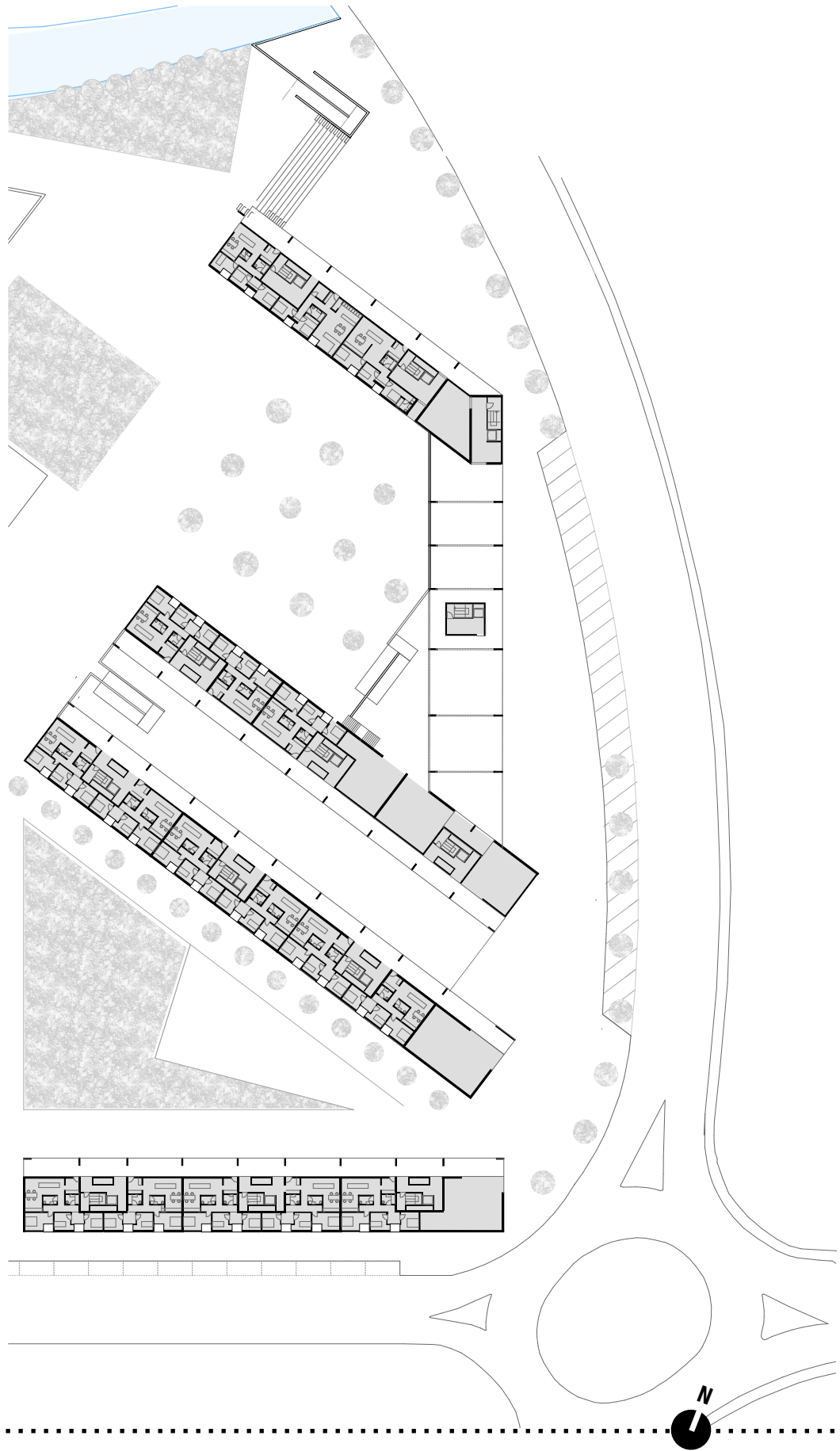
A maioria dos apartamentos respira para o exterior, para os espaços públicos através desses pátios interiores, ocupa metade do módulo transversal, sendo raros os apartamentos que ocupam ambas as fachadas, estão desenhados por forma a garantir uma optimização do espaço. As casas de banho estão maioritariamente alinhadas longitudinalmente ao centro do edifício, contíguas às cozinhas e acessos verticais, o que proporciona uma considerável economia de espaço na instalação das infra-estruturas.

escala  
1:500

ALÇADO LONGITUDINAL FRENTE URBANA



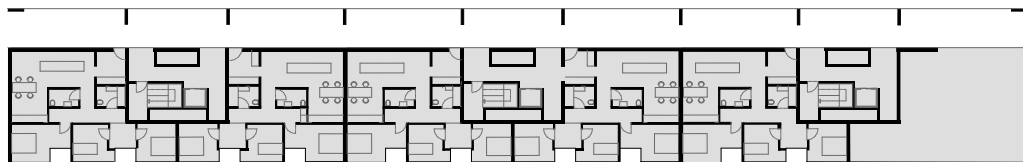




escala  
1:1000

PISO 1

escala  
1:500



## PISO 2

Procurou-se adotar uma solução que garantisse uma maior privacidade dos fogos, optando-se por uma distribuição clássica esquerdo/direito em pisos simples, por aberturas de vãos que seguem o conceito pátio, tal como nos restantes pisos. A organização do fogo é fluída e tradicionalmente compartimentada.

Neste piso encontra-se o maior segmento habitacional da proposta, não só a nível de capacidade, como também a nível de variedade tipológica. As tipologias dos fogos da habitação neste piso variam entre o T0 e o T4, por forma a atingir um público alvo mais alargado e heterogéneo, jovens empregados (T0, T1), famílias (T3, no piso inferior, e T4 no superior) e a faixa mais idosa independente ou aglomerados familiares mais reduzidos (T2).

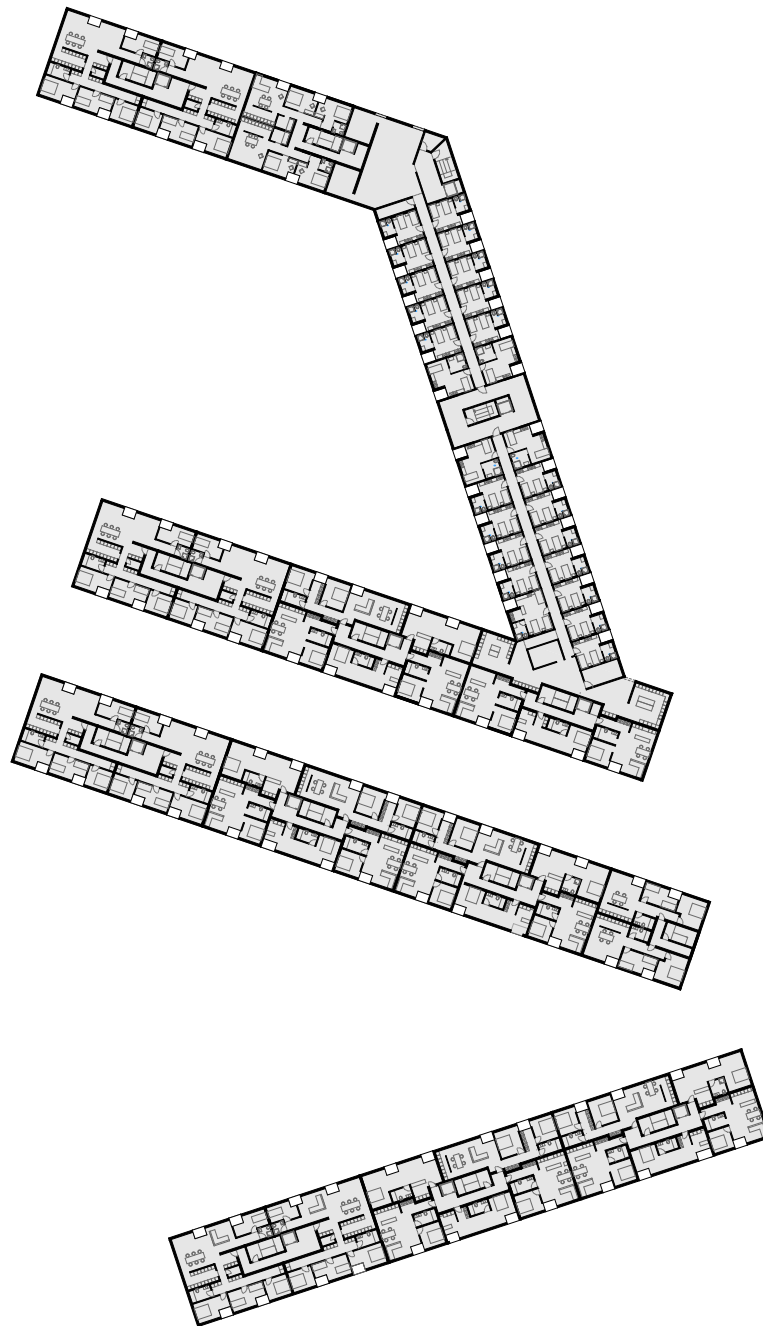
Os acessos verticais, que assumem um carácter central na divisão tipológica dos apartamentos e na distribuição da estrutura e infra-estruturas, são destinados a garantir o acesso a conjuntos de 2-4 apartamentos e ao estacionamento automóvel que se encontra localizado no piso 0 e piso -1.

A composição formal dos apartamentos T0, é organizado por um sistema simples open-space, caracterizado pela permeabilidade das funções, em que a unificação dos espaços é clara e a transição entre eles é praticamente nula. Têm excelentes exposições solares e boa relação com o exterior, devido ao facto de terem duas fenestraçãoes o que para apartamentos com cerca de 30 m<sup>2</sup> de área se considera generoso.

A composição formal dos apartamentos T1, é composta por uma organização em que o hall-de-entrada se assume como um elemento charneira na distribuição funcional da habitação. Num dos extremos da habitação encontra-se a zona de serviço e no seu oposto, a sala e a zona íntima. Este apartamento, permite a captação de diversos públicos alvo e uma oferta tipológica mais alargada pelo conjunto habitacional, que colmate de certa forma os défices de apartamentos T0 ou T1 na cidade de Viseu.

Os apartamentos T4, foram concebidos por forma a responder às necessidades de famílias mais numerosas, e transportar mais vivência familiar aos espaços privados e para a sua envolvente. O fogo é localizado nos topos noroeste dos módulos, e por sua vez, os apartamentos foram desenhados por forma a terem visibilidade para duas frentes urbanas.

A conceção do apartamento T4, no seu conceito base, não varia muito das tipologias anteriores. O hall-de-entrada é o elemento charneira organizacional do



escala  
1:1000

PISO 2

escala  
1:500

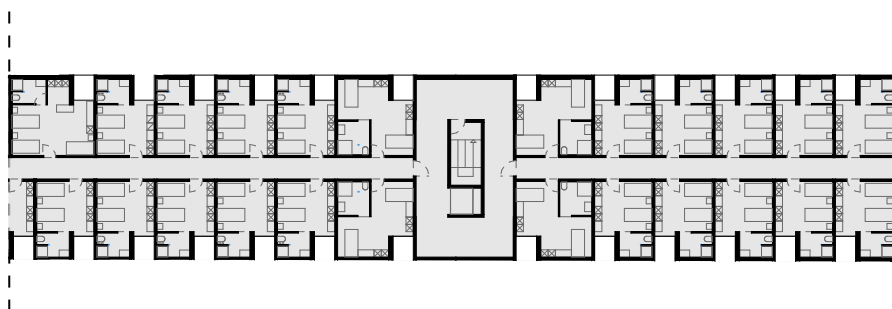


apartamento uma vez que distribui para duas zonas distintas da habitação: a zona de dia e a zona de noite. A cozinha e a sala encontram-se contíguas, remetendo a um pequeno corredor de acesso a uma casa de banho completa de apoio e a uma divisão que pode assumir diversas funções no apartamento, como quarto ou escritório, uma vez que se encontra próxima da zona social. A zona dos quartos fica resguardada por um corredor longitudinal íntimo, que garante a acessibilidade para os 3 quartos sendo rematado, numa das extremidades, com instalações sanitárias completas.

O módulo longitudinal paralelo à praça que intersesta os restantes módulos, destina-se a uma residência de estudantes, transmite a ideia de se encontrar suspenso e encastrado nos seus extremos. O efeito gerado pela ausência de piso térreo desdensifica a massa global do projeto e suporta os conceitos anteriormente definidos, constituindo um programa mais dinâmico e potenciador da vida social na área de intervenção.

A configuração dos acessos interiores que se constituem como os principais elementos de estrutura do edificado, encontram-se projetados nas extremidades e numa disposição central interagindo com os acessos exteriores cuja configuração se definiu como simples e linear.

Para a habitação neste módulo, definiram-se quartos duplos que, na proximidade da zona de acessos, foram destinados a pessoas com mobilidade reduzida, tendo sido também previsto quartos triplos, todos eles dotados com casa-de-banho. Na extremidades do edifício foram localizadas zonas sociais e zonas de serviço.



escala  
1:500

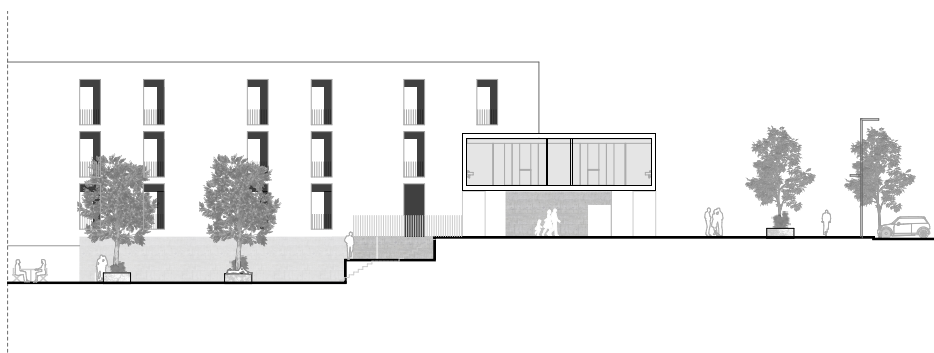
PLANTA MÓDULO ESTUDANTES

## PISO 3

O último piso do segmento habitacional é definido e estruturado por apenas duas tipologias habitacionais mais correntes, o T2 e o T4. Os T4 encontram-se na continuidade vertical dos fogos idênticos localizados no piso inferior, ou seja, o acesso nesse setor remete apenas a apartamentos dessa tipologia, e os restantes são quatro apartamentos T2 por módulo.

A divisão dos espaços do apartamento T2 segue uma grelha modular, de forma clara e ortogonal, em que a largura dos quartos é igual à largura das salas e a mesma medida segue a divisão das áreas de serviços que se encontram do lado oposto do corredor. Esta divisão e a distribuição do programa obriga a que a sala, para comportar uma maior dimensão, se encontre do lado oposto ao da entrada.

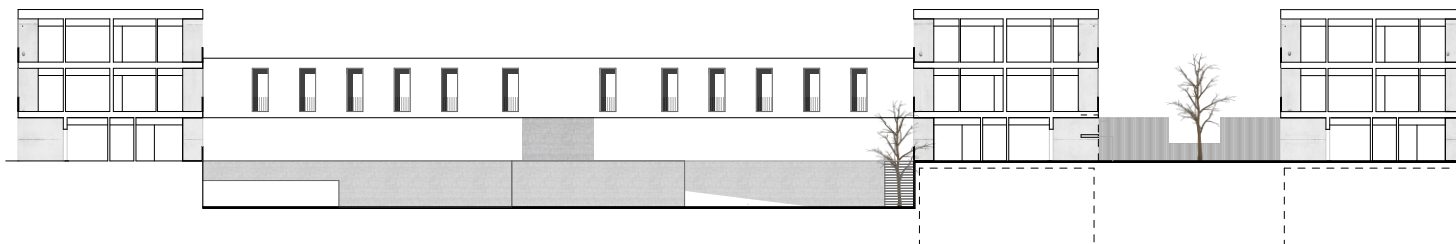
Em suma, adoptou-se uma solução que garantisse uma maior privacidade dos fogos, optando-se por uma clássica distribuição esquerdo/direito em pisos simples e varandas recuadas do pano de fachada, formando pátios interiores.

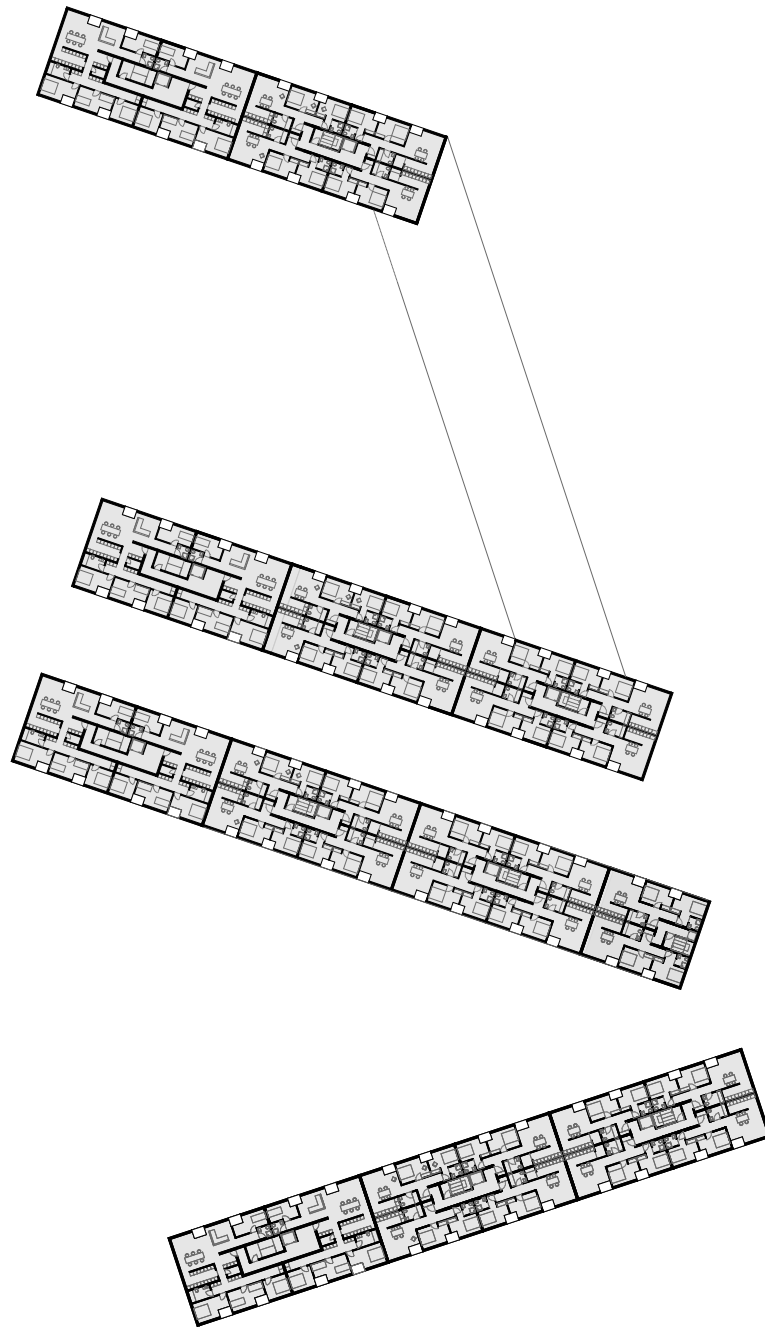


escala  
1:500

CORTE MÓDULO ESTUDANTES

CORTE TRANSVERSAL MÓDULOS HABITACIONAIS

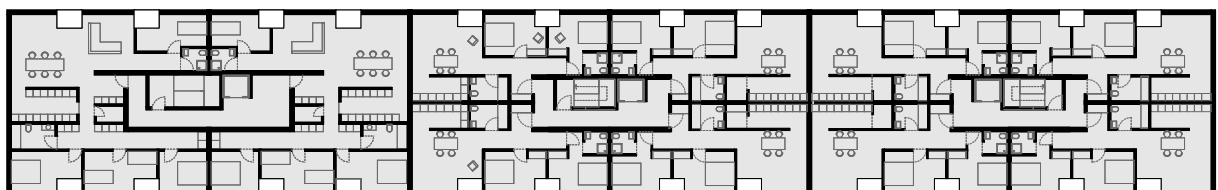




escala  
1:1000

PISO 3

escala  
1:500



## **VOLUMETRIA • CONFIGURAÇÃO CONSTRUTIVA**

A diferença de cotas e desnível topográfico verificado entre a transição da Rua do Arrabalde (N2) e a Avenida dos Capitães, ainda considerável, motivou a definição de um pódio, como anteriormente referido, em que o edifício assenta, constituindo e definindo importantes acessos e aberturas nos dois pontos, envolvendo também estacionamento destinado às unidades habitacionais e ao comércio. Porém, na zona da alameda arbórea, a modelação surge de maneira diferente, o terreno solta-se na sua continuidade e a ideia de embasamento aqui não é um dado imediatamente adquirido, pois a leitura e diferença de materiais e cotas, vai-se adquirindo à medida que o pódio nasce do terreno. A composição volumétrica é constante, composta por 3 pisos, por forma a não exceder a cêrcea estipulada pelo planos municipais de ordenamento da zona, e por um piso térreo, resultante da diferença topográfica.

Ao nível construtivo, a composição da estrutura e principais planos interiores e exteriores do edifício é o betão, pontualmente marcado pela estereotomia de betão à vista, como por exemplo, em pátios e acessos interiores. A fachada principal pretende-se que seja uma pele branca a envolver todo o conjunto habitacional, marcada pelos vazios dos pátios interiores dos apartamentos, não só para harmonizar e dar um sentido mais neutral à praça, mas também por economia de custos. No pódio adjacente ao piso térreo, na sua composição material optou-se pela colocação de lajetas de granito cinza bojardado, por forma a garantir-se uma superfície capaz de resistir a adversidades que possam ocorrer, garanta alguma plasticidade e materialidade ao espaço e um embasamento que marque a transição material do piso térreo para os restantes.

Relativamente às composições de material dos exteriores optou-se pela continuidade do material que compõe a envolvente da Cava de Viriato e de exploração no distrito, o granito. As praças e alamedas são constituídas por lajetas bojardadas, vias pedonais e viárias delimitadas por microcubo de granito.

### Cobertura:

- brita e inertes
- filtro geotextil
- isolamento térmico, e.6cm
- impermeabilização
- laje estrutural + enchimento da  
pendente
- poliuretano expandido, e.6cm
- A/C
- teto falso pelo interior

### Laje Interior:

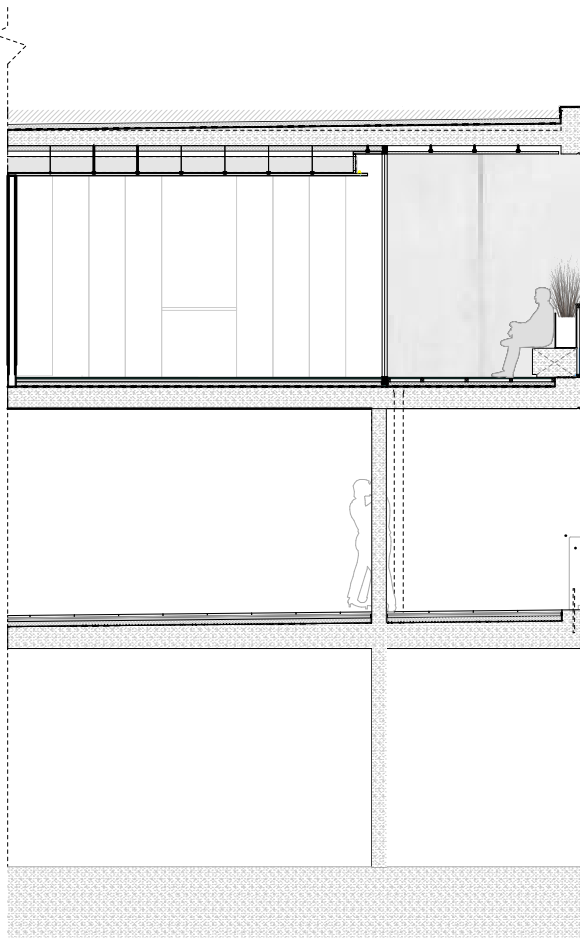
- acabamento em linóleo
- camada de enchimento, e.4cm
- isolamento térmico, e.6cm
- laje estrutural

### Laje Interior:

- revestimento em deck
- isolamento térmico, e.6cm
- impermeabilização
- laje estrutural, revestimento  
frontais faces em Etics
- pingadeira

### Galeria:

- guarda em betão revestida por  
granito, contragem interropinda  
com tubulares em aço pintado  
de antracite
- planos de estrutura em betão  
armado.
- revestimento em lajeta de  
granito



escala  
1:100

PORMENOR MÓDULO ESTUDANTES

escala  
1:500

ALÇADO-TIPO HABITAÇÕES MULTI-GERACIONAIS





## IMAGENS DA PROPOSTA



ALAMEDA E PATAMAR DE CONTEMPLAÇÃO

---

PAVILHÃO





PRAÇA CENTRAL

---



FRENTE RIO PAVIA E ANFITEATRO









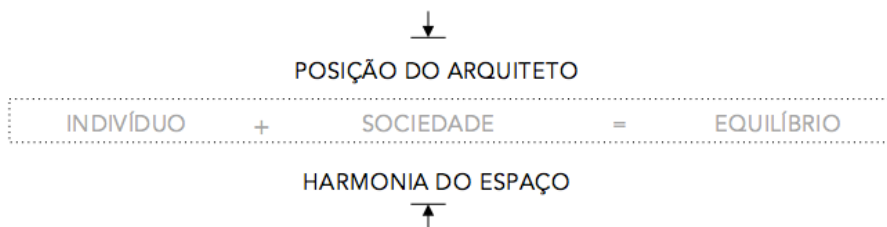
CONCLUSÃO | BIBLIOGRAFIA | ANEXOS



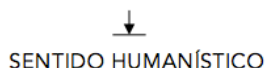
## CONCLUSÃO

No entendimento da área de intervenção e dos seus diversos setores, procurou-se realizar a interpretação a partir de uma base onde se encontravam identificadas as necessidades culturais, sociais, programáticas e locais, o modo como a arquitetura se poderia adaptar às pessoas, aos sítios e às tecnologias, e realizar a intervenção tendo em conta os desejos e vontades programáticas e o espaço organizado.

A tarefa principal da arquitetura assumiu-se como a necessidade de tratar de acomodar e integrar o contexto do projeto, caracterizado pela necessidade de consolidar e urbanizar um vazio urbano partindo de um tema de espaço público e núcleos habitacionais, em que foi essencial trabalhar o objecto de estudo como um todo e preservar a identidade morfológica do local.



*Para tal o arquiteto deve procurar formas que organizem o espaço qualificando-o, dando-lhe sentido, alvo e um desejo de servir que essencialmente constitua a circunstância “ (...) síntese entre o necessário e possível (...)”.<sup>1</sup>*



O projeto proposto, determinado pelos espaços públicos e comércio é incrementado nos blocos habitacionais multigeracionais, foi concebido sobretudo por forma a garantir o uso e a inclusão da escala humana. As amplitudes, continuidades e dinâmicas programáticas foram essenciais para alcançar o objetivo, com consciência que a arquitetura moderna procura que se tenha tem sua própria consciência no reconhecimento de uma predileção pela natureza visual nos seus projetos. Ou seja, em projetos vocacionados para a vertente social, inclusão e resolução de áreas complexas das cidades, os objetos arquitectónicos não podem ficar reduzidos a um instrumento de funcionalidade, mas sim prosseguir o conforto corporal e o prazer sensorial sem perder a sua tarefa de mediação humana.

*“ Acredito em remover a arquitectura da função após garantir a observação das bases funcionais.(...) Após conquistá-la, ver até onde a arquitectura pode ser afastada da função.”<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Távora, Fernando, Da Organização do espaço, FAUP edições

<sup>2</sup>Pallasmaa, Juhani, Os olhos da pele, Bookman





## BIBLIOGRAFIA

ÁBALOS, Iñaki. *A boa-vida*. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2003

ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés – *Elemental. Manual de Vivienda incremental y diseño participativo*. Hatje Cantz: Germany, 2012

BAEZA, Campo. *A Ideia Construída*. Caleidoscópio, 2013

BAEZA, Campo. *Pensar com as Mãos*. Caleidoscópio, 2013

BAEZA, Campo. *Principia Architectonica*. Caleidoscópio, 2013

BELEM, Maria. *O Essencial sobre Álvaro Siza Vieira*. INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005

BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001

*Carlos Veloso: Habitações na Travessa de Salgueiros*, Porto. In *Jornal dos Arquitectos*. 236 (2009)

CARVALHO, Ricardo. *A Cidade Social Impasse: Desenvolvimento*, Fragmento. Tinta da China, 2016.

*Carrilho da graça*, Editora A+A. Books, Lisboa 2014

CHERMAYEFF, Serge, TZONIS, Alexander, Op. City.

*Conversas Com Mies Van der Rohe*. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona

CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Edições 70, 2006

CURTIS, William. *Modern Architecture Since 1900*. Phaidon

ESPOSITO, Antonio. GIOVANNI, Leoni. *Eduardo Souto Moura*. Pall Mall

GEHL, Jan. *Life Between Buildings – Using Public Space*. The Danish Architectural Press, Copenhagen, 2010

HERTZBERGER, Herman. *Lições de arquitetura*. 2.a Edição. São Paulo : Martins Fontes, 1999

JARDI, Enric. *Pensar com Imagens*. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2014

KOOLHAAS, Reem. *Nova York Delirante*. Editorial Gustavo Gili, 2008

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Edições 70, 2014

MONTANER, Josep. *A Condição Contemporânea da Arquitetura*. São Paulo: Gustavo Gili, 2016

MONTANER, Josep. *A Modernidade Superada: Ensaaios sobre Arquitetura Contemporânea*. São Paulo: Gustavo Gili, 2016

PALLASMA, Juhani. *Os Olhos da Pele: A Arquitetura e os Sentidos*. Bookman, 2011

PORTAS, Nuno – *Funções e exigências de áreas de habitação*. Lisboa: MOP Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1969.

RAMUSSEN, S., E., 2007. *Viver a arquitectura*. Casal de Cambra: Caleidoscópio

ROSSI, Aldo. *A Architectura da Cidade*. Edições Cosmos, Lisboa, 2001

SCHITTICH, C. *Housing for People of All Ages*. Basel: Birkhauser, 2007

SOLA MORALES, Ignasi. *Presente y futuros. La arquitectura de la ciudad*. Barcelona, 1996

SOLA MORALES, Ignasi. *Terrain Vague*, em *Territórios*. Editorial Gustavo Gili, 1985

TÁVORA, Fernando. *Da Organização do Espaço*. FAUP Publicações, Porto, 2006

TRIGUEIROS, Luiz. *Eduardo Souto Moura*. Editorial Blau, Dezembro de 2000

VAZ, João L. Inês; CARVALHO, Pedro Sobral de. *A Construção de um espaço Urbano: do castro proto-histórico à cidade romana*. Viseu- Cidade de Afonso Henriques, Viseu, 2009.

VAZ, João L. Inês; EUSÉBIO, Fátima; FERNANDES, Luís. *Guia para a reabilitação do centro histórico de Viseu*. AA.VV, CAP.3, Breve história urbana de Viseu, 2010.

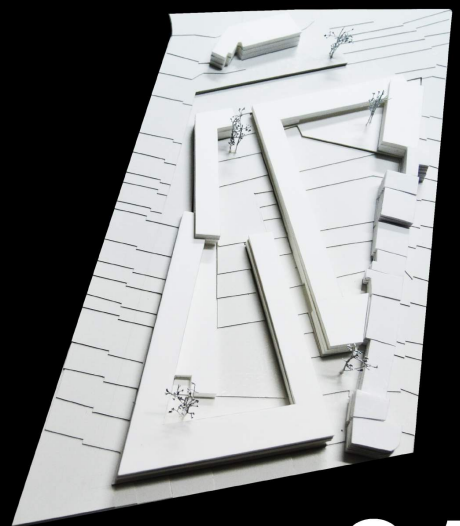
VENTURI, Robert; BROWN, Denise; IZENOUR, Steven. *Aprendiendo de Las Vegas*. Editorial Gustavo Gili, janeiro de 2016

ZUMTHOR, P. *Atmosferas*. Lisboa: São Paulo: Gustavo Gil

## **ANEXOS**

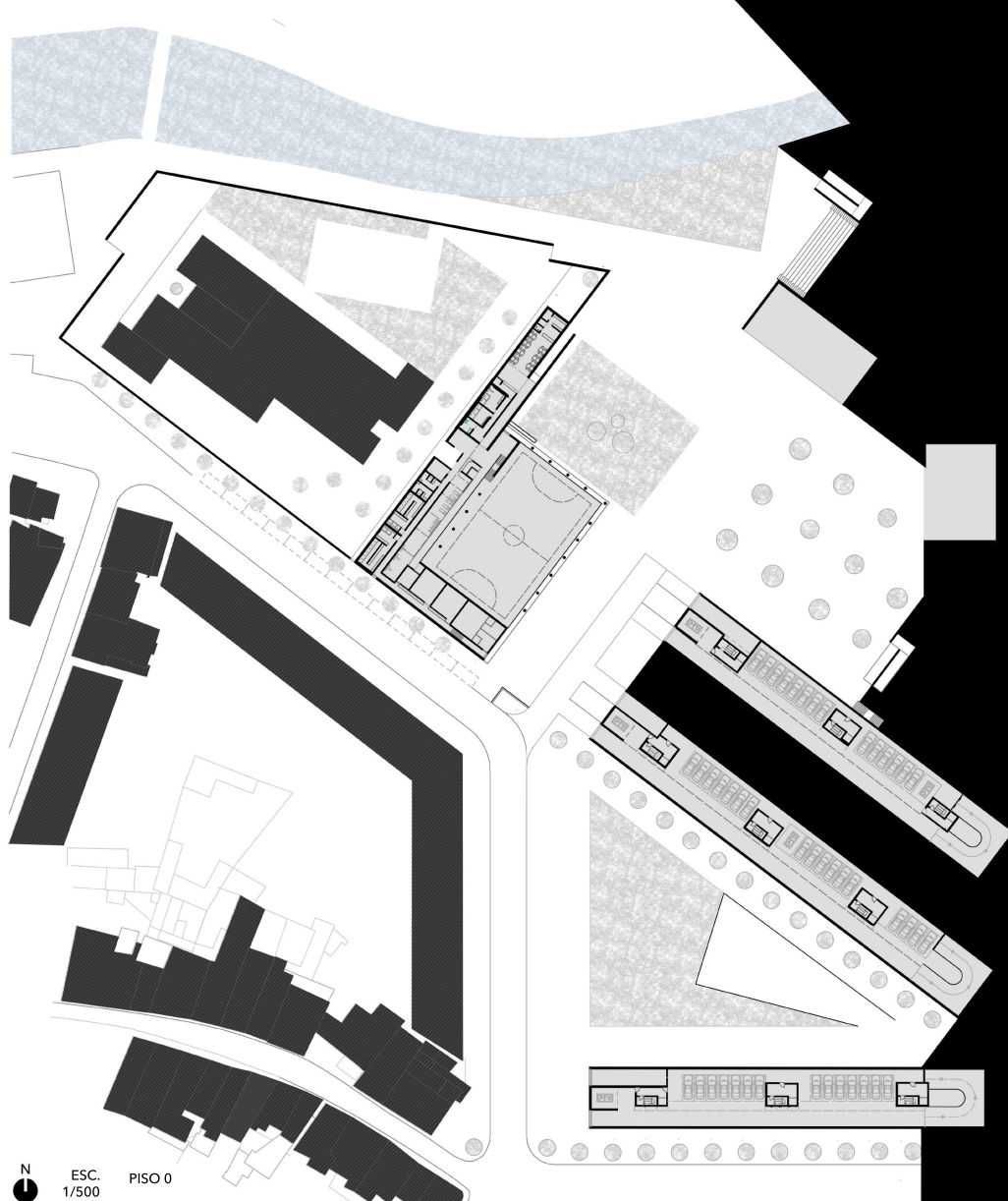
# WISEU CIDADE INCLUSIVA

## ARQUITETURA INTERGERACIONAL



# 01

Universidade Católica Portuguesa - CRB  
2º Ciclo de Mestrado Integrado Arquitetura  
Aluno: Miguel Saraiva Rebelo Boal Paixão  
Orientador: Prof. Doutor António da Silva Ferreira de Carvalho  
Co-orientador: Prof. Doutor Gonçalo de Sousa Byrne



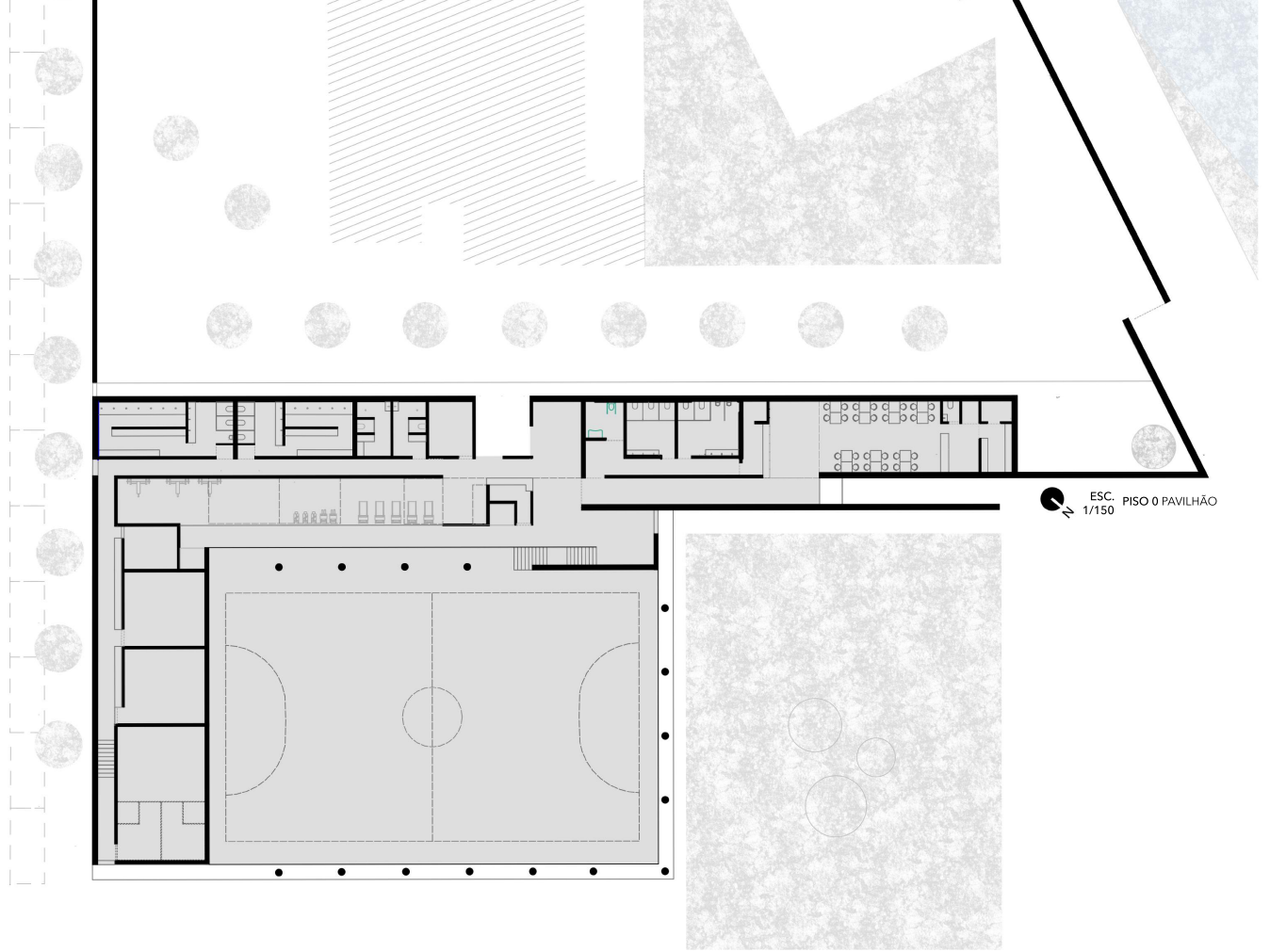
PISO -1

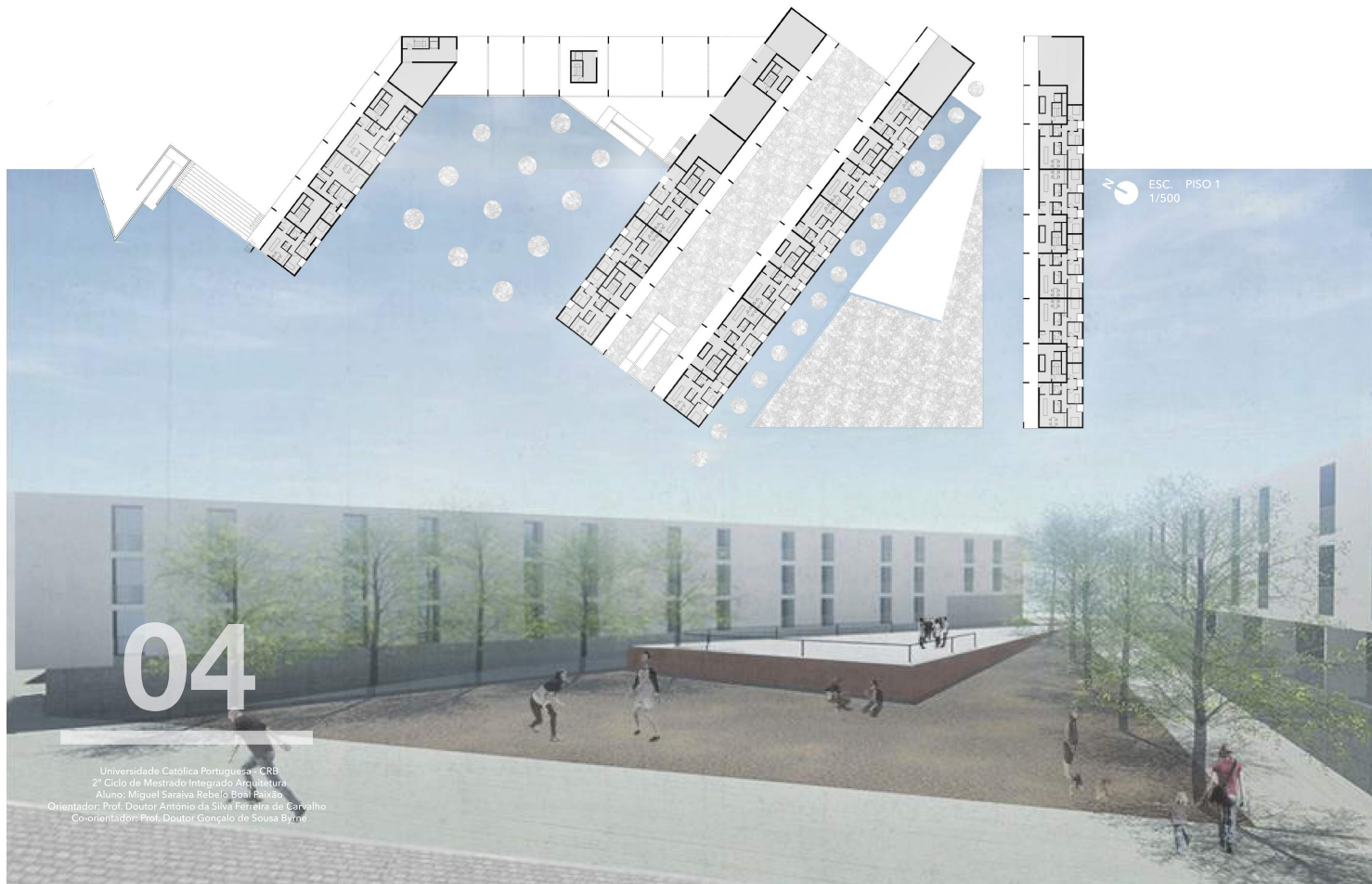


# 02

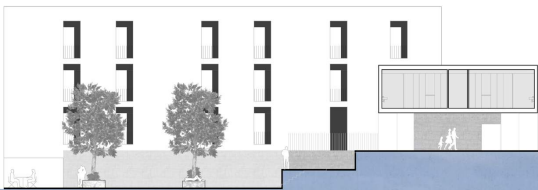
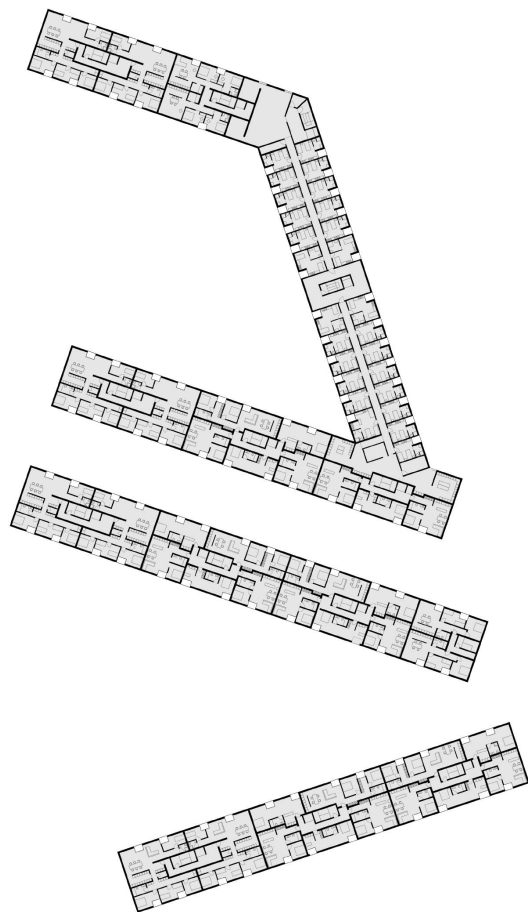
Universidade Católica Portuguesa - CRB  
2º Ciclo de Mestrado Integrado Arquitetura  
Aluno: Miguel Saraiva Rebelo Boal Paixão  
Orientador: Prof. Doutor António da Silva Ferreira de Carvalho  
Co-orientador: Prof. Doutor Gonçalo de Sousa Byrne











PISO 1  
CORTE MÓDULO ESTUDANTES E PRAÇA CENTRAL

N  
ESC.  
1/500



05

Universidade Católica Portuguesa - CRB  
Ciclo de Mestrado Integrado de Arquitetura  
Autor: Miguel Saraiva, Nelson José Pinheiro  
Orientador: Prof. Doutor António da Silva Ferreira de Carvalho  
Coordenador: Prof. Doutor Gonçalo de Sousa Byrne



#### Cobertura:

- brita e inertes
- filtro geotêxtil
- isolamento térmico, e.6cm
- impermeabilização
- laje estrutural + enchimento da pendente
- poluretano expandido, e.6cm
- A/C
- teto falso pelo interior

#### Laje Interior:

- acabamento em linóleo
- camada de enchimento, e.4cm
- isolamento térmico, e.6cm
- laje estrutural

#### Laje Exterior

- revestimento em deck
- isolamento térmico, e.6cm
- impermeabilização
- laje estrutural, revestimento frontais faces em Bicos
- pinçadeira

#### Galeria:

- guarda em betão revestida por granito, contrafagm interrompida com tubulares em aço pintado de antracite
- planos de estrutura em betão armado
- revestimento em laje de granito

ESC.  
1/50

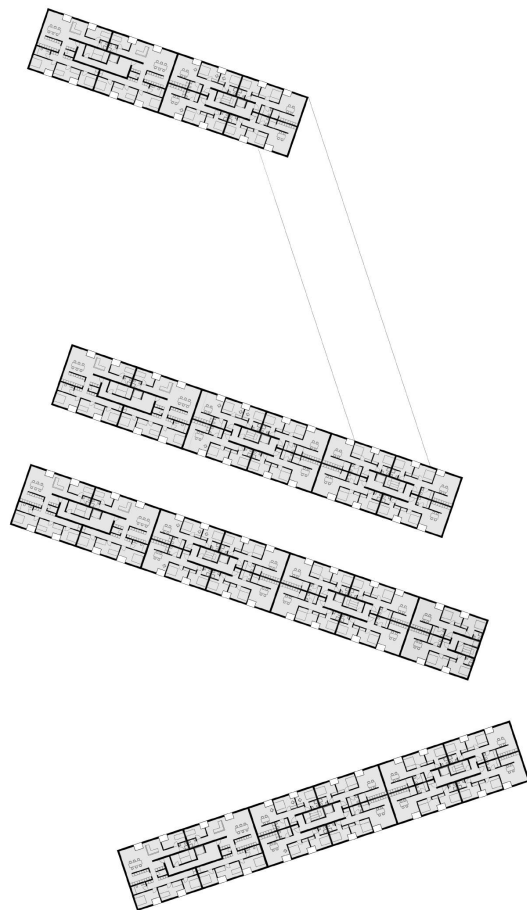
PORMENOR MÓDULO  
ESTUDANTES

ESC.  
1/200

ALÇADO-TIPO HABITAÇÃO  
MULTIGERACIONAIS

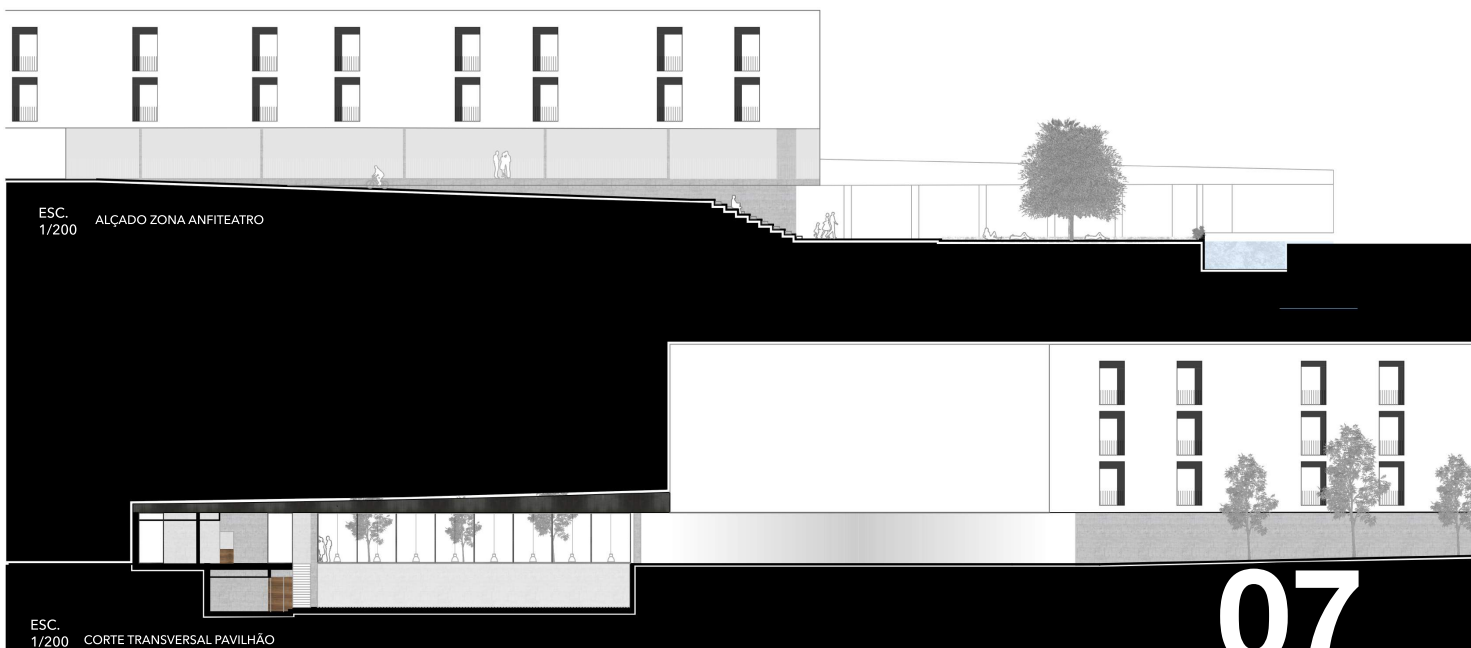
# 06

Universidade Católica Portuguesa - CRB  
2º Ciclo de Mestrado Integrado Arquitetura  
Aluno: Miguel Saraiva Rebelo Boal Paixão  
Orientador: Prof. Doutor António da Silva Ferreira de Carvalho  
Co-orientador: Prof. Doutor Gonçalo de Sousa Byrne



N  
ESC. PISO 3  
1/500

ESC. PISO 3  
1/200



07

Universidade Católica Portuguesa - CRB  
2º Ciclo de Mestrado Integrado Arquitetura  
Aluno: Miguel Saraiva Rebelo Boal Paixão  
Orientador: Prof. Doutor António da Silva Ferreira de Carvalho  
Co-orientador: Prof. Doutor Gonçalo de Sousa Byrne

